PARA TODOS...
ANNO XII
NUM. 578
11 JANEIRO 1930
PREÇO 1$
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

desapparecem
repentinamente com
dois comprimidos
de

Cafiaspirina

que, além disto, restituem ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA
é absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro -1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

A Dansa da Sombra

Nesse dia era o anniversario de Lia Sanchez, a mais "Libellula" das bailarinas. Não era, pois de estranhar que as orchidéas engalanassem os floreiros de prata, emquanto que o sol filtrava os seus raios mornos através das janellas da sala de jantar.

Dizia-se que todos conheciam Lia em Paris, e, certamente, quando dansava na Opera, as localidades se esgotavam antes da funcção. Paris applaudia Lia, mas tudo ignorava acerca da sua origem. O director da Academia de baile da Opera, um dia viu-a dansar e levou-a a Paris, onde lhe ensinou a sua arte, até que ella pudesse se apresentar como primeira bailarina. Ao celebrar agora, o seu anniversario que, segundo a sua conta, era o 21º, Lia já gozava bastante fama, mas queria ser a unica, ambicionava ter o mundo rendido aos seus pés de bailarina. Um anno antes, casára-se com o barão Eduardo de Albert, cuja fortuna e posição social lhe asseguravam a situação que o seu egoismo julgava necessario a uma felicidade.

Não o amava, mas no anno decorrido desde o seu casamento, tomára-lhe algum affecto, e se acostumara ás suas amabilidades, agradecia-lhe emfim os seus esforços para a tornar cada vez mais feliz.

Graças a seu marido, podia reunir em casa as pessôas que não tardariam em chegar para tomar lunch com elles. Não tinha preoccupações intellectuaes e as conversações artisticas a fatigavam. Não tendo sinão um fim na vida, desdenhava os outros, e tolerava os artistas e poetas, sómente porque a admiravam. Seu talento não lhe importava.

João, o creado, concluira de pôr a meza.

— A senhora está satisfeita ? - perguntou.

Lia, que estivéra olhando o panoroma parisiense duma janella da sala de jantar, virou-se e se approximou da mêsa, que estava muito bonita com as suas orchideas e a sua prataria a reflectir-se na caoba reluzente.

— Está muito bem — respondeu Lia que tambem estava elegantissima. — E agora, João, cante-me a canção que cantava antes, emquanto punha a mesa.

Lia sentou-se numa poltrona perto da janella, e, João, apoiando-se com a mão numa cadeira, orgulhoso e satisfeito, começou a cantar.

Tudo a seu redor era bello: os moveis, as cortinas, os quadros entre os quaes apparecia um retrato seu, feito pelo joven pintor Miles e que este lhe mandara nessa manhã, como presente de anniversario.

O creado continuava cantando.

O pensamento de Lia voltou ao passado, rememorando vagas lembranças de sua mãe, de homens que a visitavam, de tudo que a mortificou sempre na vida, até que a levaram á Paris.

O canto de João concluiu num trémulo lamento.

— Obrigado, João — disse Lia. — O patrão está em casa ?

— Sim, senhora.

E apenas o creado acabou de falar, a porta se abriu e entrou o marido, um homem pequeno, com um sorriso bondoso no rosto placido e redondo. Lia poz-se de pé e dirigiu-se, dansando, para elle, que não podia comprehender tamanha obsessão pela dansa.

— Como estás, Lia ? Já os teus convidados ?

Lia apoiou a cabeça no seu hombro.

— Sim, querido Eduardo. Que achas do meu retrato? —disse, mostrando com a mão o que lhe enviára Miles.

— Excellente. Miles é um genio que se está formando. Espero que venha tomar lunch comnosco. Sabes que é um tanto difficil, por causa das suas relações com Delauris, a cantora. — Sinto-me tão feliz, Eduardo! — exclamou, dando-lhe um beijo. — Nunca farás nada que me incommode, não é? Tenho um pouco de medo, ao ver tudo isso.

— E com a mão fez um gesto amplo, como para abarcar todo Paris. E accrescentou: — E' tão grande e tão pequeno!

O lunch foi um grande exito, pois todos reconheciam que o barão Eduardo de Albert era um dos melhores amphytriões de Paris. A conversação não esmoreceu um só instante, e Lia sentiu-se extraordinariamente alegre e feliz.

O retrato de Lia, feito por Luis Miles, deu motivo a longos e elogiosos commentarios, mas o pintor não appareceu.

O sol penetrava pelas altas janelas; João correu as cortinas e todos se entregaram ás delicias do momento, naquelle esplendido dia de primavera.

Mas, em meio a tudo, Lia pnsava no espectaculo da noite, e em, como iria dansar á felicidade do seu anniversario, deante dum publico que a amava.

Nessa manhã, "Le Figaro" publicára uma gravura em que se a via dansando com a Primavera sobre Paris.

Todos perceberiam que esse dia era o do seu anniversario, de que então cumpria vinte e um annos.

De repente, a voz do barão dominou as outras:

— O que me parece prejudicial á obra dos artistas modernos, — dizia — é a preoccupação do artista pelo seu quadro, do esculptor por sua estatua, do actor por sua arte. Não têm outra vida. Vivem por demais preoccupados com as suas obras.

Estamos perdendo o amor á propria vida, devido ao amor pelas obras de arte.

— Eu sustento que a missão do artista — replicou Millard, — é estar sempre vinculado estreitamente á sua obra.

Só por nós mesmos, é que vive a obra de arte que é, por assim dizel-o, como uma fina emanação material de nós mesmos.

O barão sorriu.

— E si o artista, de emanação em emanação, chega a perder a personalidade, assim como os rochedos se gastam com as ondas do mar, o que resta ?

—Tome como exemplo sua propria esposa. Ella vive suas dansas. Seus pés nos falam a todos. Assim, é uma artista maravilhosa e tem o mundo a seus pés.

— Não acho que a preoccupação de Lia seja uma cousa bella, nem para ella, nem para o publico.

— Querido Eduardo! — fez a voz amavel e suave de Lia, com um tonzinho de censura que parecia dar a entender que não comprehendera.

A conversação se generalizou mais uma vez. O creado trouxe esplendidas framboezas da Côte d'Azur, e depois beberam um maravilhoso Madeira côr de ouro. Porfim, chegou a hora dos brindes, inevitaveis num anniversario. De repente, Lia deu um ligeiro grito: sua alliança de casamento escorregára do dêdo e cahira no fundo da fina taça de Bohemia, cheia de dourado liquido. Teve medo. Com os nervos excitados pela propria felicidade, receiou que esse pequeno incidente fosse de máo agouro.

— João - ordenou o barão. — Leve a taça da patrôa, tire o annel e traga-o.

Sorriu, como para tranquillizar a esposa, e continuou:

—Agora, meus caros amigos, só me resta manifestar-lhes o meu agradecimento por têrem vindo, e dizer-lhes como sou feliz no dia do anniversario de minha esposa. Sinto-me orgulhoso de ser o marido duma das maiores bailarinas do mundo. Ella desfrutou por dois annos a fama e os applausos, e agora resolvi que abandone essa vida ficticia e que vá morar commigo na nossa casa de Nice.

Lia, vermelha como uma romã, puzéra-se de pé.

— Eduardo! — exclamou. Decerto enlouquecêste! Eu abandonar a dansa! Não posso, não posso! Morar em Nice, com os burguezes que vão passar as férias lá...

Oh, é impossivel!

Has de te acostumar, querida — disse amavelmente o barão. — E' só questão de tempo. Minha casa é muito linda, e o mar é azul todo o anno.

— Nunca, nunca, nunca! — prorompeu Lia, sahindo, como um furacão, da sala de jantar.

— Sempre arrebatada, limitou-se a dizer o barão aos seus commensaes.

Pouco depois, os convidados se retiraram, deixando-o só, na sala de jantar, em meio ás flores e ás taças vasias.

Nessa noite, quando, após o mais estrondoso dos seus successos, Lia se achava no seu camarim, repleto das mais bellas e finas flôres, homenagem dos seus admiradores, viu entrar um homem, no qual reconheceu um rapaz que, duma cadeira da primeira fila, não cessára de fital-a com paixão um só instante, todas as vezes que ella dançára na Opera.

— Chamo-me André Metis disse-lhe elle. — Venho vêl-a todas as noites. Nunca dansou tão admiravelmente como agora.

— Sim? — perguntou Lia, sorrindo. — Talvez seja porque eu nunca dansei como hoje, pensando que a minha liberdade dura muito.

Desde que saira da sala de jantar de sua casa, deixando sós o marido e os convidados, Lia não cessára de pensar nas palavras do barão e resolvera não abandonar a dansa, custasse o que custasse.

— Diz que a sua liberdade dura muito? — perguntou André. — Não tem um marido rico, exitos clamorosos e uma nuvem de amigos ?

— E por ventura, isso é toda a vida. Nós, artistas, vivemos para a nossa arte.

— Eu tambem sou artista, sou pintor; mas procuro sempre alguma cousa, além das minhas télas.

Lia observou que André tinha a tez pallida como marfim, os olhos negros e brilhantes, as mãos compridas e finas, quando se inclinou para ella, offerecendo-lhe a gardenia que trazia á botoeira do frack.

Lia prendeu a flôr ao peito e sorriu a André, com um sorriso extranho, que não parecia humano, um sorriso de ondina. E mais firme do que nunca foi a sua resolução de não ser escrava de ninguem.

— Conheço — continuou a dizer André — um restaurant, o "Rei Negro," perto do Arco da Estrella. A senhora não quer jantar commigo ? A noite está fresca, e servem no jardim.

Lia acompanhou-o, impotente para resistir á extranha fascinação.

O restaurant do "Rei Negro" era muito conhecido e ponto de reunião de artistas. André e Lia sentaram-se á uma mesinha, debaixo de uma frondosa accacia. Suaves lampadazinhas, penduradas em fios que corriam de arvore em arvore, esparziam uma luz attenuada, ao passo que uma orchestra de tziganos, no bosque, tocava canções italianas.

— Fale, Lia — disse André, tomando champagne, que parecia mais embriagadôr na noite embalsamada e suave.

Lia quasi soluçou á lembrança do "lunch" e das palavras do marido, e começou a falar, dizendo febrilmente:

— Eu quero dansar em Londres, em New York, em Vienna. Nunca poderei aguentar a vida em Nice. Tenho ambições, meu amigo, e meu marido acabará por matar-me, porque não póde entender o que é a arte para mim. Em toda a sua vida, não pensou senão no dinheiro e no que poderá comprar com elle. Comprou-me a mim... e eu quasi cheguei a amal-o pelas suas amabilidades. Ama-me sim, mas não me entende...

Metis inclinou-se para ella:

— E si eu promettesse leval-a para longe? Trabalharemos juntos. Imaginarei dansas para você, e você dansará todos os dias. Londres será o primeiro passo. Depois iremos á Nova York, a Vienna, á Roma, a todos os logares...,

— E porque fará isso por mim?

— Porque tenho o atrevimento de amal-a e porque acho que é a maor bailarina do mundo.

Lia apoiou o rosto entre as mãos e olhou-o fixamente.

— André, — disse, depois de um instante — eu creio em você.

— Lia!

Hugo Millard, o esculptor amigo do barão, que alli se achava, e numa mesa, occulto pela penumbra, viu-os a se beijarem...

Seguira-os desde a Opera. Quasi não acreditava no que estava vendo.

Na manhã seguinte, o barão Eduardo de Albert recebeu uma carta laconica de sua esposa, a qual lhe devolvia todas as joias com que a presenteára.

Poucos dias depois o barão foi encontrado morto em sua casa.

Déra um tiro na cabeça, e o tapete de Ambuston estava todo manchado de sangue.

Numa das mãos tinha, decapitada, uma estatuêta de Lia, feita pelo esculptor Millard.

Passou algum tempo, e, numa noite de ventania, de principios de Outomno, Lia atravessava o canal, para iniciar a sua grande temporada em Londres.

De pé, no tombadilho do vapor, enrolada num elegante casaco de peiles, parecia pouco transformada pelo tempo, quasi sempre implacavel.

A seu lado, André Metis, com ar taciturno, olhava o mar.

Elle, sim, mudára, a ponto de parecer um homem gasto, envelhecido precocemente. Durante as excursões de sua mulher, — casára-se com Lia — pelos Estaos Unidos e pela Europa, levára uma desordenada vida de prazeres.

Quem tambem não mudara muito era Hugo Millard, que viajava com elles no mesmo vapor. Quando reconheceu Lia, quiz afastar as lembranças importunas com um levantar de hombros; mas não lhe foi possivel.

— André — disse Lia, virando-se para o marido, — tenho receios por ti, parece-me que não estás bem.

— Deixa-me só — respondeu André, bruscamente.

— Lembra-te, André, de que deves dansar commigo a "Dansa da Sombra". Só tu pódes dar a impressão verdadeira, e não te cuidas... Porque não estás bem...

— Não, eu não estou doente: apenas um pouco triste.

Lia approximou-se do esposo e disse, docemente:

— André, promette-me que, quando começar a minha temporada em Londres, tu te cuidarás. Estás arruinando tua vida. Além disso, bebes muito.

— Não te prometto nada. Deixa-me só.

E, dizendo estas palavras, André esbofeteou a mulher, cruelmente. Millard, que se approximára, sem ser visto, teve então a intima satisfacção de dar uma formidavel bofetada em André, atirano-o ao chão.

André levantou-se rindo, e, movendo maliciosamente a cabeça, sumiu-se pela porta do salão do vapor.

— Millard ! — exclamou Lia, surprehendida e um pouco assustada.

— Senhora, é horrivel que seja tratada assim !

— Mas, que surpreza, Millard ! Não o tinha visto... Vi as suas grandes obras em Paris, todos falam dellas.

— E todos falam tambem na senhora, Lia. Disseram-me que vae fazer uma grande temporada em Londres: irei vel-a e applaudil-a.

— Sim... E eu o verei na sua poltrona habitual... Até lá, então !

Um sorriso crispou os labios de Lia.

— Adeus, Millard.

O theatro estava cheio, e, quando se levantou o panno Lia appareceu por entre as luxuosas cortinas de velludo côr de ouro que formavam o décor, a assistencia applaudiu freneticamen-

Eric Maschwitz

te. Numa poltrona da primeira fila, Hugo achou Lia ainda mais maravilhosa do que quando fizera o seu retrato.

Os applausos foram estrondosos, pois a arte consumada de Lia exaltára o publico. Sem reparar no que fazia, quasi atropellando a todos, Hugo Millard entrou no camarim de Lia.

— E' assombroso, minha senhora — disse Millard, com a voz tremula de verdadeira emoção.

— O que? A minha dansa?

— Sim. Mas, como mudou! Não é mais a mesma bailarina de ha certo tempo, na Opera de Paris.

— Envelhecemos, Millard.

— E ainda continúa tão loucamente affeiçoada á dansa, como antes?

— Como antes, Millard.

Millard cahiu de joelhos e tomou entre as suas uma das mãos da bailarina.

— Lia, póde crêr que eu a amo.

— Acaso amar-me é difficil?

— E você não me poderá amar, Lia? Tenho um desejo louco de que você deixe o theatro, André e os seus vicios, e que venha dansar para mim.

— Oh! Millard, isso nunca poderá acontecer!

— Pense, Lia. Lembra-se do dia do seu anniversario e da estatueta que eu lhe dei?

Ao ouvir essas palavras, Lia exaltou-se e exclamou:

— Nunca se lembre disso...

Na noite seguinte, Millard estava novamente na sua cadeira da primeira fila; mas, por uma estranha anomalia, Lia não o viu...

Dansava como si fosse céga, sem ver nada, sentindo sempre nos ouvidos o murmurio perseguidor: "sombras, sombras"...

Porfim, pouco antes de apparecer a sombra, viu os olhos de Millard cravados anciosamente nella.

Chegára o momento em que devia ver a sombra na parede do templo, e virou-se para elle.

Baixa e grossa, as mãos estranhamente crispadas, a sombra era Eduardo de Albert, seu marido... que se inclinava, para ella, murmurando:

— Orchidéas... Millard olhando... A estatueta...

Deu um grito espantoso: "Eduardo!", que fez passar um fremito de horror pela assistencia, e cahiu aos pés da Sombra.

A "Dansa da Sombra" concluira para sempre.

Lia estava morta!

As perolas falsas dos seus collares jaziam pelo sólo, e os seus olhos, immensamente abertos, reflectiam toda a profundidade do Mysterio...

Traducção de ANELÊH.

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" Telephone Norte 4424

Superior pellica envernizada, ou preta, "typo Salomé", Salto baixo:
De ns. 28 a 32 . . . . . . 23$000
De ns. 33 a 40 . . . . . . 26$000
Em côr mulatinha mais 2$000.

Fortes sapatos. Alpercatas typo collegial, em vaqueta avermelhada.
De ns. 18 a 26 . . . . . . 8$000
De ns. 27 a 32 . . . . . . 9$000
De ns. 33 a 40 . . . . . . 11$000
Em preto mais 1$000.

32$ — Fina pellica envernizada, preta com fivela de metal, salto Luiz XV, cubano médio.
42$ — Em fina camurça preta.

37$000
Finissimos sapatos em superior couro naco Bois de Rose, com linda combinação de pospontos e furos. Luiz XV, cubano alto.

Pellica envernizada preta, com naco, cinza ou beije, salto baixo:
De ns. 28 a 32 . . . . . . 25$000
De ns. 33 a 40 . . . . . . 28$000
Todo preto menos 2$000.

Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typo meia pulseira, com florão na gaspea.
De ns. 17 a 26 . . . . . . 8$000
De ns. 27 a 32 . . . . . . 10$000
De ns. 33 a 40 . . . . . . 12$000
Em naco, beige ou cinza, mais 2$000.

Pelo correio, sapatos, mais 2$500; alpercatas, 1$500 em par.

Catalogos gratis, pedidos a JULIO DE SOUZA — Avenida Passos, 120 — RIO

Clinica Medica de "Para todos..."

A OXYGENOTHERAPIA, EM VARIAS ENFERMIDADES INFANTIS

Actualmente obtem os clinicos pediatras os resultados prestes e efficazes que almejavam, empregando as injecções hypodermicas de oxygenio, para combater em toda a altura a coqueluche e as affecções grippaes e broncho-pulmonares da infancia.

Entretanto, a oxygenotherapia, pelo methodo sub-cutaneo, reclama attenções e cuidados especiaes, devendo o medico ter sempre em lembrança a questão da susceptibilidade inherente a cada enfermo, bem como o inconveniente de exceder á dosagem.

Sem risco de qualquer ordem, podemos começar o tratamento, injectando duzentos e cincoenta centimetros cubicos de oxygenio, numa creança de tres a quatro annos.

A ausencia de qualquer accidente ou perturbação permittirá elevar progressivamente a dosagem, até quatrocentos centimetros cubicos de oxygenio. — em regra a quantidade maxima a empregar, porquanto, sómente em casos excepcionaes, recorrer-se-á ás injecções de seiscentos metros cubicos.

A pratica therapeutica, em milhares de casos morbidos, provou ser desnecessaria a applicação quotidiana, convindo decorrer, de uma injecção á outra, o intervallo de tres dias.

O criterio clinico, porém, si verificar o retardamento da acção medicamentosa, poderá optar, pela frequencia, no emprego das injecções, as quaes, serão feitas até mesmo diariamente, no caso de evidenciar o organismo do enfermo tolerancia completa, perante o medicamento.

Principalmente na coqueluche, ha vantagem de encurtar o mencionado espaço de tempo intermediario, tornando as injecções mais proximas umas das outras, no intuito de effectuar o tratamento abortivo da perigosa enfermidade. E, após a desapparição dos violentos accessos que determinam bem justificados temores, realizar-se-á, para reforçar os resultados obtidos, o termino do tratamento, — duas ou tres injecções de oxygenio, feitas invariavelmente com o intervallo de tres dias.

Nas creanças de idade inferior a dois annos, a dóse maxima não irá além de duzentos centimetros cubicos, devendo o clinico, na pratica ordinaria, empregar apenas cem centimetros cubicos.

Nos casos de morte apparente, dia a dia, verificados entre os recemnatos, a injecção de cincoenta centimtros cubicos de oxygenio augmenta consideravelmente a energia do coração, o qual sob a influencia de tão benefico estimulante, patenteia, bem depressa, os batimentos normaes, servindo ainda para determinar o inicio da respiração pulmonar, isto é, a inequivoca manifestação vital dos novos sêres.

Entre os adultos, não ha regras preestabelecidas, pois que unicamente a natureza da entidade morbida poderá traçar as normas da dosagem, — variavel de quatrocentos a setecentos centimetros cubicos.

Assim, num individuo intoxicado pelo oxydo de carbono, sómente com o auxilio de grandes dóses de oxygenio, ministradas em frequentes injecções hypodermicas, é possivel salvar a vida que succumbe.

Ao contrario, num tratamento de longa duração, é preferivel não ir além de quinhentos centimetros cubicos, effectuando-se as applicações de tres em tres dias ou mais approximadamente, caso seja preciso.

CONSULTORIO

JONIAD (Caxias) — Começará o tratamento, usando o "Kousso Granulado Mentel". Pela manhã, em jejum, e decorrido, pelo menos, o espaço de 12 horas, após a ultima refeição, tomará de dez em dez minutos, uma colher (das de chá) do granulado, bebendo em seguida, uma chicara de infuso de flores de tilia. Procederá, assim, successivamente até usar todo o vidro do granulado. Depois terá o cuidado de verificar o effeito do remedio, quanto á expulsão da tenia. Do dia seguinte em diante, usará: arrhenal 50 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glycerina 30 grammas, xarope de proto-iodureto de ferro 300 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição. Fará, por semana, tres injecções intra-musculares com o "Cyto-Serum Corbiére". Externamente empregará: menthol 1 gramma, sesquicarbonato de ammonio 4 grammas, acido borico 10 grammas — em pitadas, como si fosse rapé.

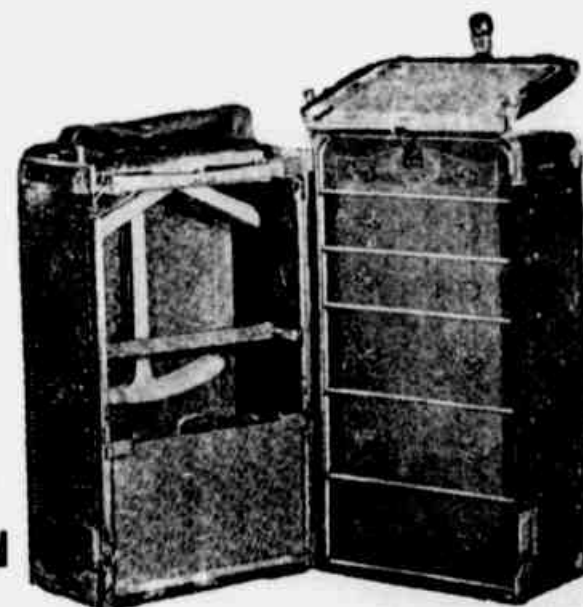
JÉCA (Ituverava) — A doente usará extracto aquoso de arenaria rubra 2 grammas, piperazina 4 grammas, tintura de buchu 4 grammas, sal de Vichy 5 grammas, extracto fluido de abacateiro 15 grammas, xarope das cinco raizes 30 grammas, infuso de uva ursina 300 grammas — meio calice de 3 em 3 horas. No meio de cada refeição principal tomará doze gottas de "Iodalóse Galbrun" num calice dagua assucarada. Deverá ter sempre á disposição algumas ampolas de nitrito de amyla, para quebrar uma dellas e aspirar o conteúdo, quando se manifestar a crise de dyspnéa. A dieta constará do regimen lacteo-vegetariano, havendo abstenção completa de carnes, peixes, bebidas alcoolicas, chocolate, café e todos os excitantes.

LÉO (São Paulo) — Além do remedio interno alludido em sua carta, deve empregar em uncções, na região indicada: essencia de limão 20 gottas, amido pulverisado 8 grammas, glycerolео de amido 10 grammas,, sulphydrato de calcio em massa 20 grammas.

J. M. L. (Miracema) — Dê á creança: phosphato de bismutho 1 gramma, benzonaphtol 4 grammas, gomma arabica em pó, quantidade sufficiente para conservar em suspensão o benzonaphtol, magnesia fluida 1 vidro — uma colher (das de sobremesa) de 3 em 3 horas.

NINA (Rio) — Como reconstituinte, use depois de cada refeição principal, o "Nuclarsitol Granulado Robin". Para fortificar os cabellos, empregue em loções: resorcina 3 grammas, acido salicylico 4 grammas, tintura de capsicum 4 grammas, tintura de cantharidas 6 grammas, coaltar saponificado 3 grammas, tintura de balsamo do Perú 10 grammas, hydrolato de quina 320 grammas, essencia de bergamota, quantidade sufficiente para aromatisar.

R. S. T. (Baurú) — Só o tratamento cirurgico poderá conseguir uma cura radical. Os medicamentos citados pódem unicamente alliviar as dôres.

DR. DURVAL DE BRITO.

Companhia de Seguros "Novo Mundo"

Sua inauguração, á rua General Camara, 71

Senhoras e outros convidados á solennidade da inauguração da Cia. de Seguros "Novo Mundo", vendo-se no ultimo plano, á esquerda, os funccionarios do novel instituto de previdencia.

A inauguração, no dia 2 do corrente, deste novo instituto de previdencia, é bem a expressão das necessidades dos tempos correntes, em que o custo da vida a tudo empresta valor intrinseco. Nem só ao commerciante, ou ao industrial, guarda de um patrimonio da communidade e de haveres seus e dos seus credores, assiste a obrigação de segurar o seu estabelecimento contra possiveis sinistros de toda especie. Tambem o particular responde moralmente pelo patrimonio de sua familia, constituido pela casa de habitação, pelos moveis, pelos objectos de arte e de adorno. Se juridicamente differe a responsabilidade de um e de outro, moralmente é a mesma a situação de ambos.

Segurar é assegurar a sua propria tranquillidade e o futuro dos seus entes queridos com uma pequena mensalidade. Dahi o escrupulo que se deve ter na escolha da Companhia de Seguro, toda vez que se quer realmente ter a certeza da indemnisação do sinistro que attinja aos seus moveis e immoveis.

A Directoria da Cia. de Seguros "Novo Mundo", da esquerda para a direita, os Srs.: Pedro da Silveira de Magalhães Coutinho, director-gerente; Victor Fernandes Alonso, director-presidente; Dr. Hugo Gutierrez Simas, director-secretario; e Alvaro de Almeida Campos, superintendente.

Os contractos e operações da Cia. de Seguros "Novo Mundo", obedecem rigorosamente ás prescripções legaes. A sua Directoria, constituida pelos Srs. Victor Fernandes Alonso, director-presidente; Pedro da Silveira Magalhães Coutinho, director-gerente; Dr. Hugo Gutierrez Simas, director-secretario; e Alvaro de Almeida Campos, superintendente; é de molde, não só pelo seu capital social, como por outras circumstancias, a determinar a inteira confiança e a decisiva preferencia do segurado.

A Cia. "Novo Mundo", além dos seguros terrestres e maritimos, creou um novo titulo de previdencia, que é a garantia de alugueis.

Trata-se, portanto, de um estabelecimento completo no seu genero, moldado pelos mais modernos e aperfeiçoados systemas de seguro e, consequentemente, destinado a um exito completo nesse ramo de actividade financial.

Para todos...

TRAGO no peito em que ha o frio e a solidão povôada dos cemiterios o cadaver de meu amor. E nos labios que o carmim ainda aviva, num gesto antigo, habitual que se repete por si mesmo, sem mais a intervenção raciocinada da minha vontade de me fazer bella, as palavras de acerba ironia de uma amargura feita de resignação sem renuncia e dolorosa.

Da convivencia com o cadaver, eu me sinto já um pouco cadaver tambem. O frio do morto penetrou-me a alma, impregnou-se no meu corpo e gelou-me o sangue para a vida. Outros amores têm vindo bater ás portas de meu coração. Eu os receberia, talvez, se elle estivesse vazio... Mas como preparar uma festa de noivado, ali, perto dos miasmas que exhala o cadaver que trago insepulto? Porque era fraca demais e me faltaram as forças para lhe dar sepultura.

Trago no peito em que ha o frio e a solidão povoada dos cemiterios o cadaver de meu amor. E na bocca dolorida o nome do assassino que o estrangulou. Do assassino que está preso na cadeia de minha vida, calmo, indifferente, sem uma ansia de liberdade, sem uma tentativa de fugir. E' que é bastante espaçosa a cadeia e sua imaginação não procura o horizonte que fica além dos seus muros de convenção. E eu vivo numa agonia de desespero, entre o cadaver e o assassino. E é desta agonia e é deste desespero que me vem a pallidez do rosto, esta pallidez marmorea, em que desappareceram as rosas naturaes e carminadas dos meus vinte annos.

Meu amor, meu amor, eras tão bello! Eras tão forte! Que eu pensando na morte que nas asas do tempo chega sempre para tudo que é vivo, estava certa que a sua foice implacavel me colheria antes de ti. Se eras tu a força da minha fraqueza!... E fui eu que fiquei e tu te foste! As mãos serenas do assassino te estrangularam sem piedade, quando num ardor de festa lhe prodigalizavas a riqueza dos teus beijos! Ellas não tiveram pena da exhuberança de felicidade que levavas em ti, nem da seiva fecunda de vida que lhe offerecias como um vinho generoso para uma sêde que lhe suppunhas, no calice de puro crystal da tua casta mocidade! Ellas não tiveram pena das corôas de flores frescas de que os teus dedos lhe teceram no jardim de sonhos da tua fantasia ardente e rica. E as pobres flores foram despetaladas sem uma lagrima sua, bôa e apiedada, antes mesmo que a tua vida te fosse tirada de todo!

As mãos serenas do assassino te estrangularam sem piedade! Estrangularam-te quando lhe fazias a offerta triplice e preciosa do meu corpo, do meu coração e da minha alma! Ellas não tiveram pena da tua ingenuidade desprevenida, da tua innocencia despreoccupada, da cegueira imprudente e desarmada da tua confiança.

Ellas não tiveram pena do teu canto de triumpho composto na deliciosa e sagrada loucura do primeiro contacto! E na garganta que os seus dedos frios e indifferentes fecharam para sempre, ficou-te ainda o éco perdido das ultimas notas!

Meu amor, meu amor, eras tão bello, eras tão forte! Que eu pensando na morte que nas asas do tempo chega sempre para tudo que é vivo, estava certa que a sua foice implacavel me colheria antes de ti!

Se eras a força da minha fraqueza! E fui eu que fiquei e tu te foste! As mãos serenas do assassino te estrangularam sem piedade!

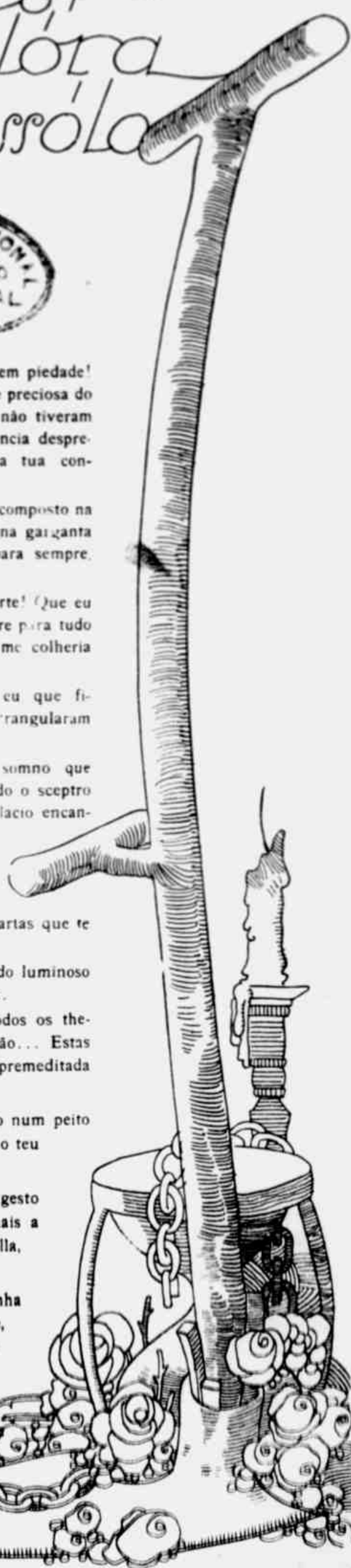
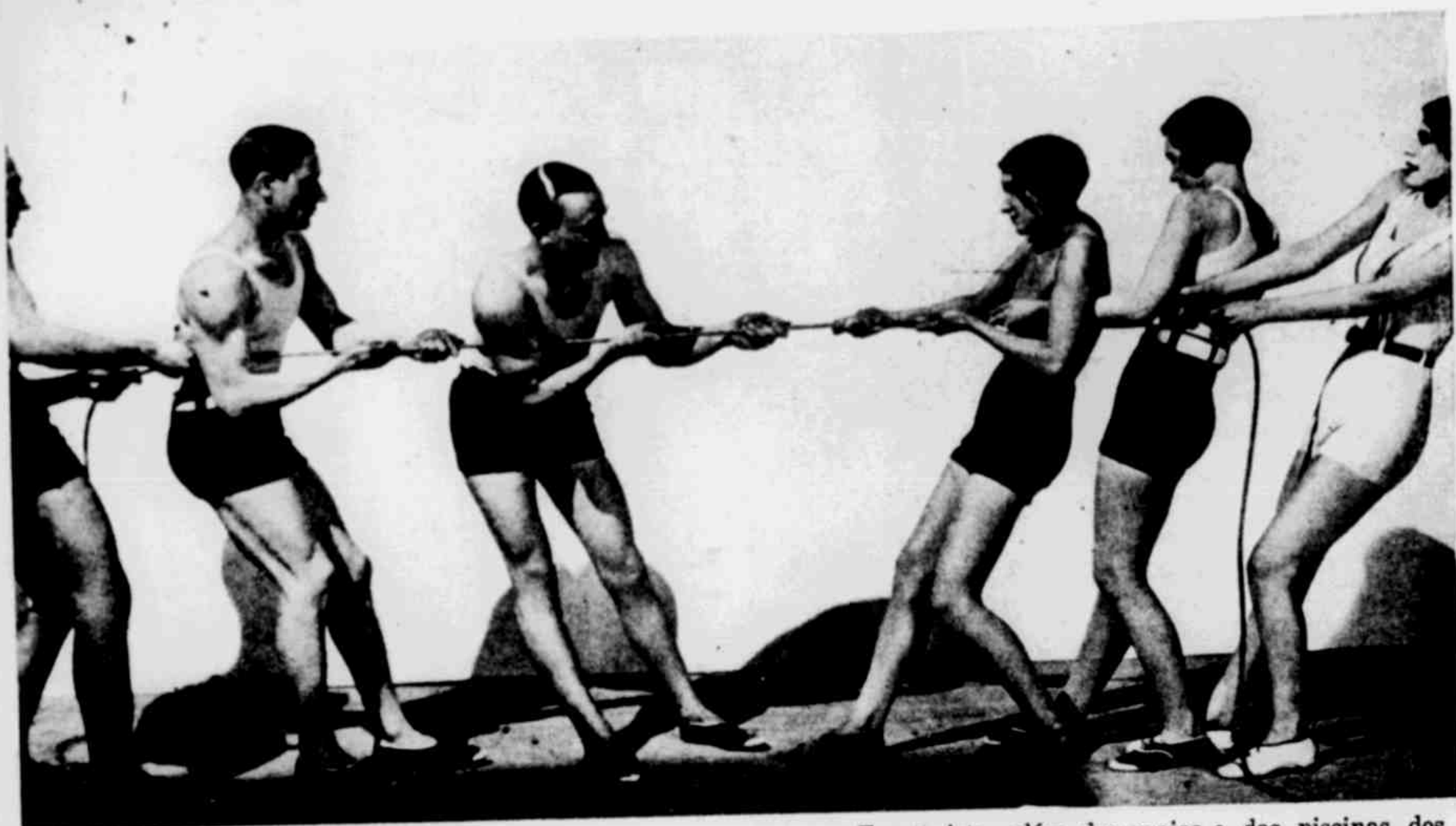
E foram estas mãos que te arrancaram do somno que dormias nas camadas subterraneas do meu ser, quando o sceptro de ouro dos meus vinte annos me fazia rainha no palacio encantado da minha mocidade! E foram estas mãos que te fizeram nascer, aprisionando as minhas, numa tarde de abril, muito azul que parecia ter roubado todas as flores de maio e de setembro. E foram estas mãos que te fizeram florir com aquellas pequeninas cartas que te enviavam e que lias tremulo de encantamento.

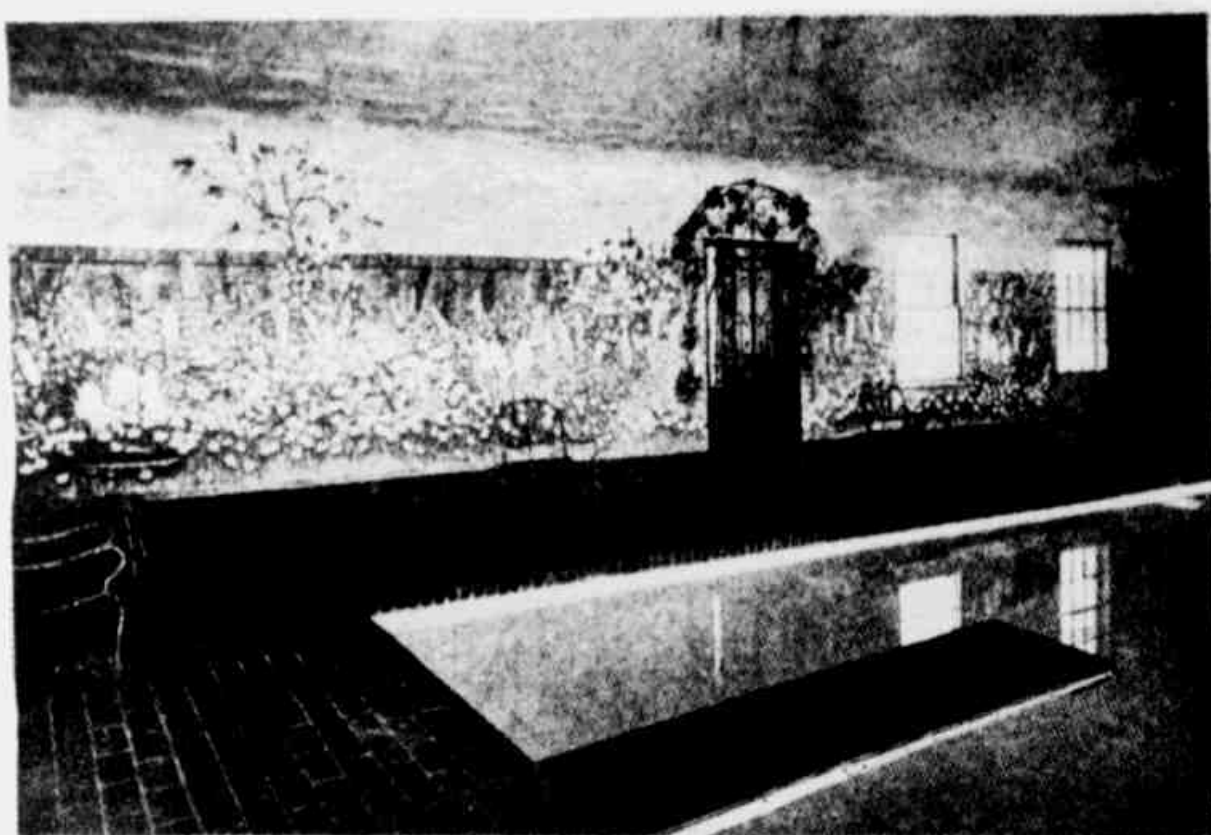
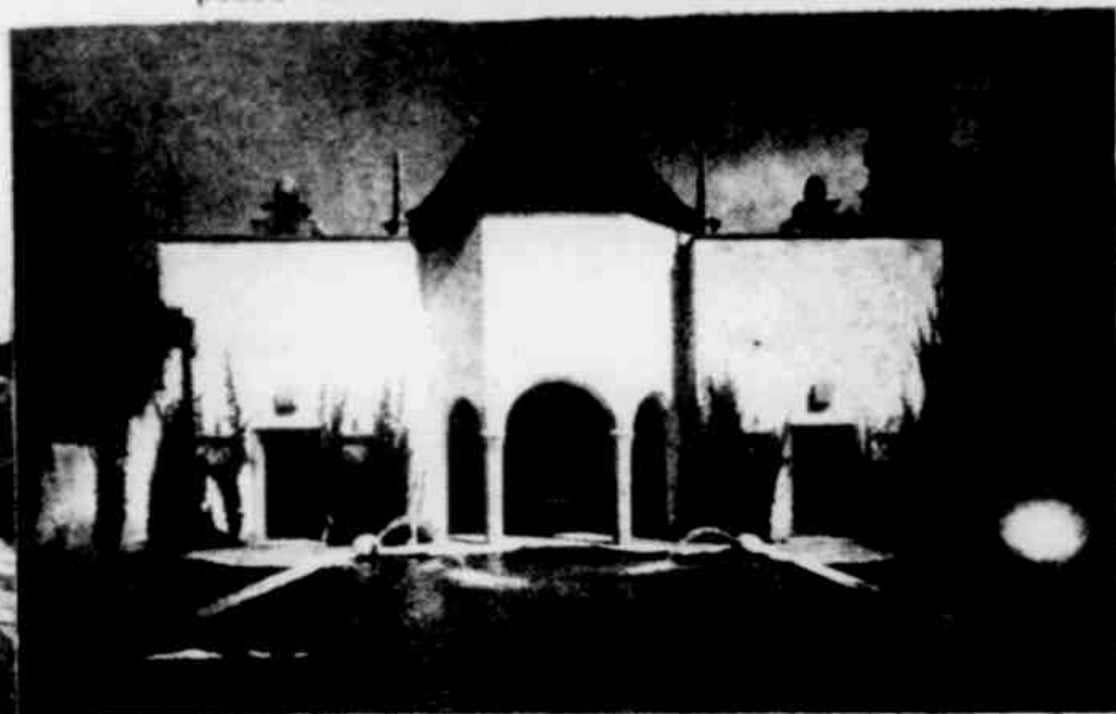
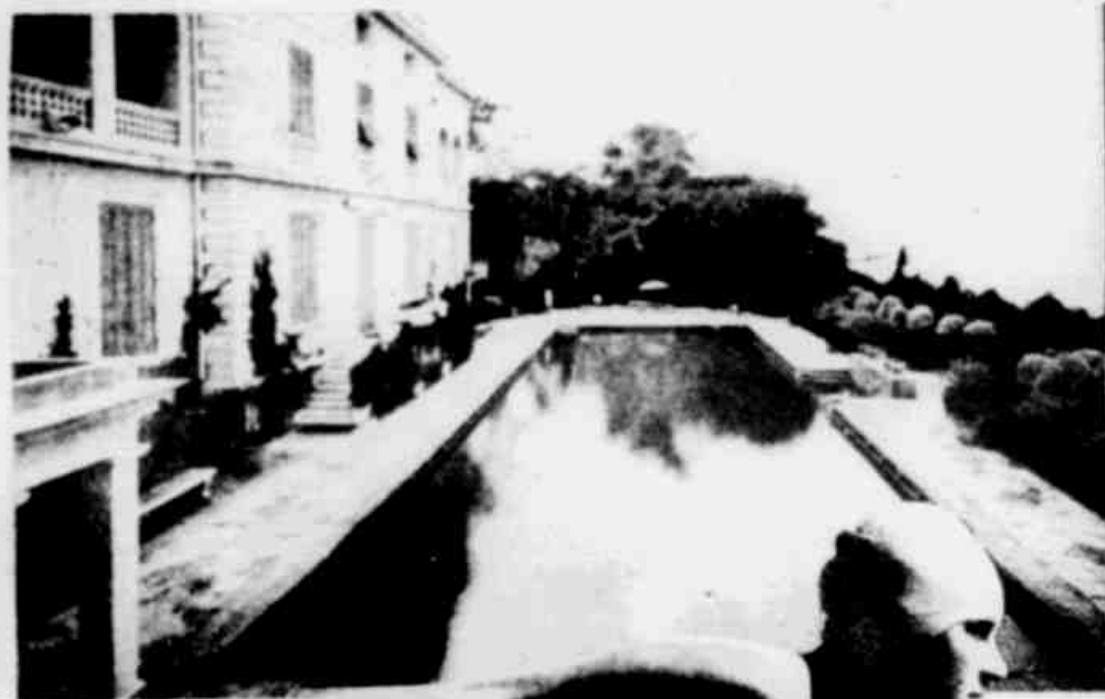
E foram estas mãos que te fizeram crear o mundo luminoso através do qual passei a olhar todas as cousas da terra.

E foram estas mãos que te fizeram descobrir todos os thesouros que eu trazia occultos nas entranhas do coração... Estas mãos que te arrancaram a vida na covardia cruel e premeditada do estrangulamento.

Meu amor, meu pobre amor!... E eu hoje trago num peito em que ha o frio e a solidão povoada de um cemiterio o teu cadaver.

E nos labios que o carmim ainda aviva, num gesto antigo, habitual que se repete por si mesmo, sem mais a intervenção raciocinada da minha vontade de ser bella, o nome do teu assassino...

Do assassino que está preso na cadeia de minha vida, calmo, indifferente, sem uma ansia de liberdade, sem uma tentativa de matar-me e fugir — o nome de meu marido...

QUE CALÔR! . . .

E por isto, além das praias e das piscinas dos grandes clubes, logares para nadar vão surgindo em toda a cidade onde mora a gente rica. A gente pobre continúa a nadar no suor do seu rosto.

O movimento da dansa é tão instinctivo no homem como o da procura da luz. Na creança, é como uma obediencia passiva e um impulso interior: quando uma mãe põe entre as mãos o objecto desejado, salta de alegria. A um impulso semelhante, com toda certeza, corresponde a dansa entre os povos antigos. Logo, o homem repetiu os movimentos, as attitudes tomadas por instincto, submetteu-as a um rythmo, a meúdo levado pelo extasis de uma alegria repentina, estendeu a mão á dos seus vizinhos e se poz a saltar, formando um circulo. E esta especie de "ronda" foi o emblema da concordia e o primeiro passo da civilização. Immediatamente, a melodia veiu em auxilio do baile. Uma joven formosissima faz vibrar notas doces e puras. A voz mais profunda dos jovens forma os baixos. O choque dos corpos sonoros marca a cadencia. Desde esse momento nasceu a dansa e Terpsychore teve seus altares. A abóboda azul dos céos, a luz, as estrellas, então, fizeram os homens exultar de admiração e enthusiasmo pelos numes animadores de tão milagrosa belleza. Cantou-se lôas á divindade e se dansou para melhor expressar a homenagem e a gratidão. Desde então ficaram creadas a dansa sagrada, a tragica e a bellica, segundo a divindade ou o mysterio celebrados. E a dansa vivaz, ligeira e ás vezes grotesca é a que se offerece nos convites publicos e que termina nos trabalhos campestres; que se celebra nas festas do Hymineo e que, ás vezes, se transmuda em licenciosa. A origem, porém, é commum. E Terpsychore preside, só, a ambas e ora sob os lineamentos de uma menade coroada de pampanos, agita o tyrso e grita: "Evohé!", chocalhando o tympano das festas dyonisiacas; ora sob os de uma pudica caniphora, a fronte cingida de candidas fitas, leva com devoção os presentes sagrados e mysteriosos... Entre as republicas gregas, Esparta foi celebre pelas suas dansas. Hellena, joven ainda, executava dansas innocentes quando Theseu a conheceu e ardeu de amores por ella.

O sabio Lycurgo incluiu a dansa entre as suas leis sagradas e inventou o "hormus" — baile cheio de graça, que nos dá perfeitamente a imagem da força e da audacia unidas á fascinação dos movimentos suaves.

A Orpheu se attribue a introducção na Grecia das dansas sagradas, ligadas, sempre, no Egypto, ás ceremonias religiosas.

Enthusiastas da ordem e da harmonia, os gregos as adaptaram ás representações scenicas: os corpos que serviam de intermedio dansavam no circo da direita para a esquerda, expressando, assim, o movimento do cyclo solar do oriente para o occidente.

A esta dansa se chamava: "Estrophe". Depois, retornavam os dansarinos da esquerda para a direita, representando o curso dos planetas e foi essa dansa a "Anti-estrophe".

Boneco de ALVARUS

\+ \+ \+

A dansa e a musica foram consideradas normas educativas necessarias. Os árcades, de costumes tão severos, ensinavam-nas a seus filhos, desde a mais tenra edade.

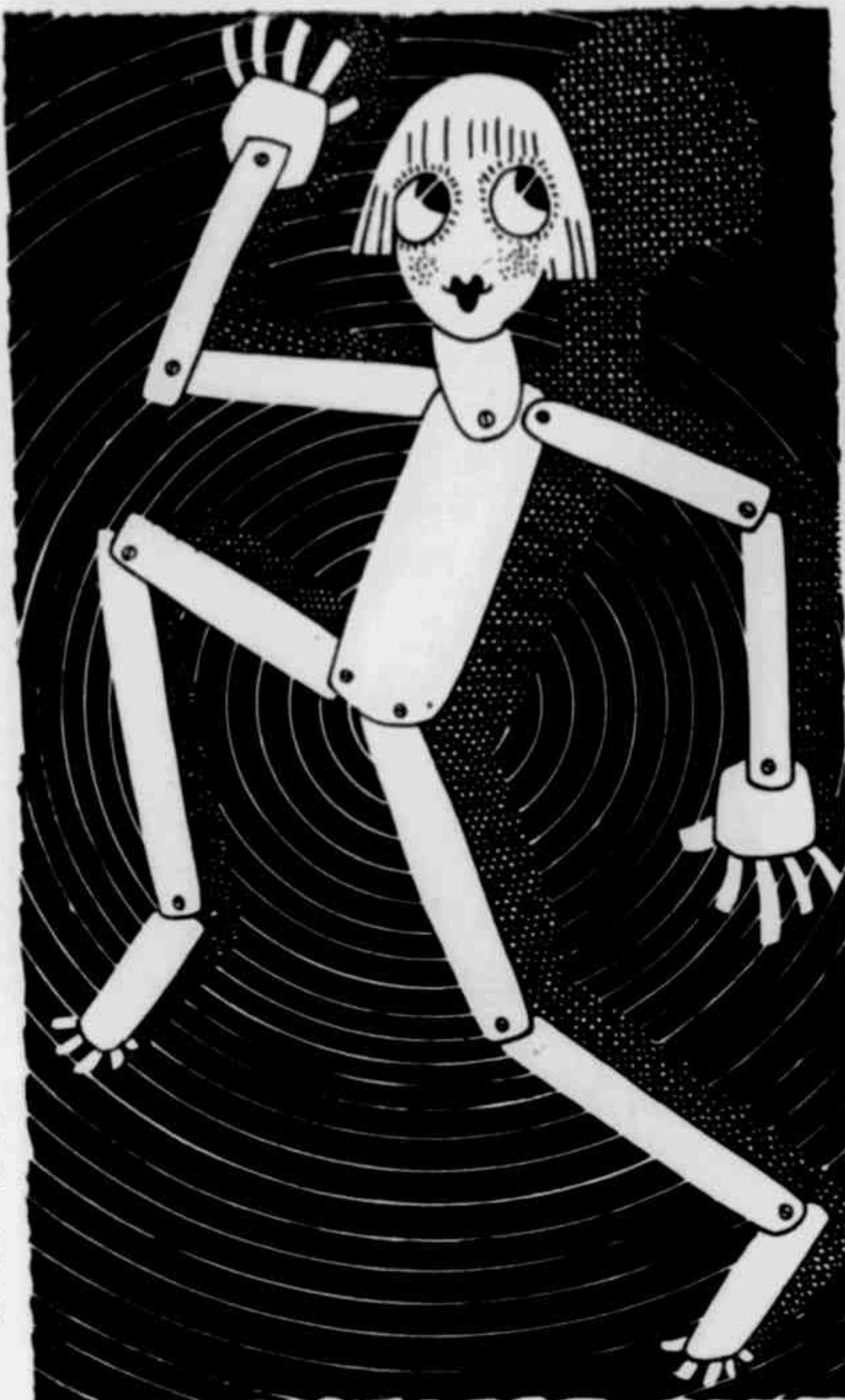
Consagrada pela religião e pela philosophia, a dansa tornou-se um thema de emulação para as artes: os poetas a cantaram e deram-lhe origens celestes.

Diz-se que a poderosa Rhea, mãe dos deuses, foi a primeira em deleitar-se com ella, ensinando-a, depois, aos sacerdotes.

Em seguida, quando das invasões barbaricas e em meio á fluctuação das sobrevivencias de alguns elementos de arte, a ignorancia, os costumes feudaes que imperaram por tão largo tempo, deram uma nota melancolica incomparavel com os prazeres da dansa: torneios, procissões, banquetes, foram as unicas diversões em uso.

Oito seculos depois, a Egreja, que antes havia prohibido a dansa, recorreu a ella com o fim de associar os espiritos.

Os portuguezes imaginaram uma especie de "bailes ambulantes", que se executavam nas ruas e praças publicas.

O mais conhecido apresentou-se em Lisbôa, por occasião da beatificação de Santo Ignacio, fundador da Ordem dos Jesuitas.

E, finalmente, os veneraveis prelados reunidos em Trento, após uma missa solenne, realizaram um sumptuoso banquete seguido de um baile, em que o severo Felippe II, os cardeaes e bispos dansaram com muita galantaria com damas hespanholas, italianas e tedescas, convidadas para a festa.

\+ \+ \+

No seculo XV, o fogo sagrado do genio, occulto sob o pó accumulado pelo tempo, se reanima bruscamente. A Italia desperta e está por reconquistar o sceptro das bellas artes.

E' rainha por segunda vez. Evocam-se as memorias do passado. Reabrem-se os theatros. Vêem-se nascer os primeiros "ballets". Em commemoração da entrada de Luiz XII em Milão, foi dada uma esplendida festa em que se viu dansar dois cardeaes, com toda a elegancia do tempo. Aquelle baile chamava-se "pavana", nome derivado do "pavonear-se" da ave das formosas plumas. Consagrado o baile na Italia como diversão da moda, Catharina de Medicis levou-o até á França. Logrou acclimal-o na terra franceza e inaugurou a moda dos "ballets" em que a poesia se alternava com a musica. Houve-os poeticos, allegoricos, etc. Mas ninguem conseguiu superar aquelle baile dado por Catharina no Louvre, no anno de 1581, sob o titulo de "Circe e suas nymphas".

\+ \+ \+

Entre os bailes do seculo XVI merece ser citado o do "Facho", assim chamado porque todos os bailarinos eram obrigados a ter, acceso, na mão, um facho. Nesse baile, Margarida de Valvis tornou-se famosa, essa mesma Margarida que já havia dansado certa vez em Lyon, em presença de muitos nobres de Saboya, do Piemonte e de outras partes da Italia, despertando vivo enthusiasmo. Margarida, porém, como possuisse um pézinho precioso, preferia os bailados que exigissem vestidos curtos. Assim, introduziu na Côrte as alegres dansas da Auvernia, que estiveram em moda durante longo tempo.

Fóra do theatro, o baile geralmente não apparecia nas festas da Côrte, durante o seculo XVI, senão como um espectaculo adquado para occupar o tempo das refeições e por isso chamavam-se-lhe "entre-mets". Mas nos salões já se dansava a "sarabanda" — especie de minueto hespanhol — a "chacona", oriunda da Italia, segundo uns; da Hespanha, segundo outros, mas cujo nome, em verdade, parece derivar-se da palavra italiana "ciecone", porque, dizia-se, foi um cego quem inventou o movimento. Lulli e Rameau compuzeram muitas "chaconas". O minueto reinou soberano durante o seculo XVIII, com a sua simplicidade coroada de graça, com os seus movimentos moderados. Logo, foi este substituido pela "contradansa", a "country dance", originaria, como o indica o nome, da campanha ingleza. O minueto cansára. Queria-se bailes animados, vivazes. E houve, até, um douto que conseguiu provar como as revoluções politicas e sociaes vão unidas ás revoluções da dansa. A "gavota", variante do minueto, era o baile predilecto de Maria Antonietta, a qual, ademais, sentia uma verdadeira paixão pelos bailes á "fantasia". Nas vesperas da revolução, dansava-se por toda parte e se chegava, com a "fantasia", a excessos ridiculos. Certa noite, madame de Mazarin pensou introduzir um rebanho de ovelhas em sua sala toda decorada de espelhos. As ovelhas, brancas, penteadas, adornadas de fitas coloridas, deviam desfilar guiadas por uma pastorazinha. Assustadas, porém, pela forte luz, as ovelhas se precipitaram furiosas, mettendo-se entre as pernas dos bailarinos e produzindo uma grande confusão. O terror deixou logo o seu rastro no "Baile das Victimas"... A "vals", proveniente da Allemanha, gozou, por largo tempo, de preferencia. Veiu logo o "schotisck", variante da valsa, e que de escocez só tem o nome. Dos agricultores da Hungria e Baviera sahiu o "galop", como da Polonia a "Polka" e a "Mazurka".

Mas, quem poderá esquecer, vendo-as dansar, embora uma só vez, por exemplo, a "tarantella", o "trescone" ou outras dansas analogas do povo italiano, ás vezes acompanhadas simplesmente pela guitarra? O "saltarello romano" tem um movimento antigo, como antigo é o ar em que se dansa com rapidez sempre crescente. Existem, ainda, a "trevisana", a "furlana", a "padovana". Não devemos olvidar, comtudo, nem a elegante "monferina", nem a "villanelli", napolitanas.

\+ \+ \+

Hespanha foi sempre rica de bellissimos bailes, como, entre outros, o "bolero", o "fandango", a "jota" e a "cachucha". No "fandango" a cabeça, os pés, os braços, todo o corpo dos dansarinos está em movimento. Contam, a proposito deste baile, uma interessante anecdota. Juizes severos queriam vetal-o e abolil-o e instruia-se o processo respectivo, quando alguem fez observar que não se devia condemnar ninguem sem primeiro ouvil-o. Então, mandou-se introduzir no recinto um casal de dansarinos, munidos de castanhodas. O ar de gravidade do tribunal desappareceu como por encanto: as physionomias serenaram e todos se puzeram a dansar, impulsionados por irresistivel contagio.

\+ \+ \+

Do Novo Mundo sahiram novos bailados o "maxixe" brasileiro, o "tango" argentino, o shymmy" e o "charleston" norte-americanos. Todos estes bailados conseguiram prevalecer em todas as salas de baile do mundo.

\+ \+ \+

Auxiliar preciosa da musica, expressão, como o canto, do prazer, do movimento que corresponde ás agitações da alma, interprete de movimentos mais secretos do coração, expressiva até á indiscreção, a dansa reflecte, como um espelho, os costumes do tempo, offerecendo, assim, um interesse vivissimo tanto do ponto de vista ethnographico com historico.

Terpsychore impera e manterá o sceptro emquanto o amor e o enthusiasmo que guiaram seus primeiros passos não desappareçam da alma humana.

PEDIDO P'RA SER SOLDADO

(POR DEBORA DE REGO MONTEIRO)

FAZER a guerra á maneira **poilu** — não publico paradoxo — eis uma coisa de que as mulheres gostariam. Mas uma coisa que parece é prohibida.

As mulheres turcas, já veiu communicado, estão se preparando para acabar com o tradicional papel da mulher durante a guerra. Seu caracter tanto se affirma ás injuncções do seu papel tradicional como — mysterio communicavel! — por uma extravagante approximação dos seus pontos de divergencia. A acção é bem expressiva pelo **as** do ar que, de maneira absurda, deixa de communcar-se com as distancias entre seus campos de aterrissagem; porque é preciso vêr antes a esses. Não ha suppressão e se se o conceber será um tanto ligeiramente.

O mundo inteirinho se enche com semelhantes campos. O que traz a historia no respeito da mulher? Interroguem-na.

— Colore-se de quando em quando de vinhetas de mulheres espantosas, cuja razão se mostra menos burguezmente que a maioria preferia: em transparencia.

Decerto não foi por acaso que se prohibiu a ellas a guerra. Decerto, não!

Abstenho-me de levar mais longe a constatação.

Devido ao esplendor das imagens da guerra não será que a desejem ao tempo em que chegar. Por que ha de ser?

Podem lançar a pergunta presentemente. Ora não se chegava a suppôr que as mulheres quizessem entrar na guerra, porque seja muito feia, ou por outra, veja-se sem engana-olho uma crúa tragedia, movimentada por nenhumas das velhas besteiras-receitas para produzir tragedia.

Chega-se afinal com muita difficuldade a suppôr que as mulheres queiram mostrar o gosto da arriscada aventura.

O scepticismo com ellas desses corações tecidos á malicia exercita a falar em **blague. Blague** ou potoca.

E não se pensa na angustia quotidiana dessas que durante a guerra, não podendo fazer nada, conservam-se soccorridas do que só lhes compete: **torcer as mãos e endoidecer.** Comtanto que fique sempre attestado que nada é tão magnifico como viver da maneira que as mulheres vivem.

Na verdade, sabe-se que os invalidos pelos tormentos da guerra são uma realidade, sem se apurar que a neurasthenia e loucura nas mulheres possam ser tormentos provindos da obrigação de viver mais fastidiosamente durante a guerra.

Outro tanto se tem licença de falar acerca da obrigação de viver sem actividade exterior e enxertada nos outros numa compressão excitante de suas tendencias de pessôas creadas.

Eu não pretendo que se admitta puxo a feminista, que é um termo mais do que desagradavel, que dá um mão retrato meu; de outro modo, que me interessa a mim o sentido humano da posição da mulher na machina **da redondeza.**

Tem-se descoberto infelizmente que ás mulheres é possivel fazerem da sua vida uma organização deleitosa. Tal crença empresta uma verdadeira força aos seus inimigos. O luxo da impotencia dellas não poderia, porém, ser, posto em comparação com o desenvolvimento do seu ardor de viver, que apenas o destino póde não consentir ou atrophiar.

O homem tem uma fortuna adquirida sobre aquella impotencia.

A vida organizada deleitosamente, não basta? O mais, bobagens, bobagens, é explorar quanto existe de terra-a-terra. Ao envés de adherir ao que justamente começa em pleno céo. Um mundo de bellezas sem aspirações. E' não ter philosophia. A vida é uma perpetua aspiração. Então se realiza. Tem côr. As mulheres querem côr na sua vida.

P'ra longe as palavras emphaticas que attendem a chamado a toda hora na ponta da lingua: liberdade, egualdade, progresso. Não valem dois caracóes.

Dar de mammar a menino ou varrer casa ou cozinhar, de alguma sorte privilegios de mulher, em sua casa, sabe-se, aliás desde que as gallinhas tinham dentes, são desses susceptiveis das mais largas combinações, segundo as latitudes ás outras funcções que permittem o movimento na terra. Na terra que não pára de rodar, olhando o Sol.

Até pensar que são susceptiveis das mais favoraveis combinações é mero erro de comprehensão mal educada ou fraco sentido pratico.

A questão é ter menino de peito e casa para arrumar. Não é de nenhum modo uma questão mysteriosa.

Ai de nós! agora, nada mais raro do que governar uma casa. E, pela mesma razão, ter menino para criar. As solidas virtudes domesticas femininas se exercem da maneira como quem nada em sêcco: sem nadar. Sem se exercerem, pois.

O heroismo dessa ardente humildade que não se exerce, não maravlha, pois.

Acontece que se não supportam bem as mulheres ficar no quarto, na pensão, no hotel, fastidiosamente, vão para a rua. Matar o tempo, este monstro. Quer dizer que as necessidades interiores não se podem recalcar sem derivativo. Tanto mais se a sêde de que se sentem mal, se devo escrever assim, é de vinho espiritual, se o sangue que avança nas veias dellas segue o rythmo da época.

Então, não se deve impedir que tratem de realizar suas promessas. Suas aspirações. Dá tambem suas cinzas, cinza em quantidade á ambição que se manobra. Comtudo, ao menos bebe-se a vida ao sol das suas proprias mãos. Depois, nossos costumes requerem mais do que apenas se conservarem do lado das mulheres Ritos de vida, os antigos, que vibrariam ainda, se os proprios homens não fossem tão apressados em lhes metter os pés. Não os ajudaram mais a respirar. S eu visse repisal-os — sem reunil-os naquella abstracção geral — alongava estas notas. Dou a suggestão para meditarem-nos. Depois, falando-se como catholico, falar-se-á bem que viver segundo a fé, é falar segundo á fé, é agir segundo a fé. Não se abrem nos Evangelhos segredos distribuidos das mensagens de Jesus para as mulheres cumprirem, não assim os homens. E vamos e venhamos, todos os nossos labores, os labores em que nos empenhamos, tanto mulheres como homens, são labores de tostão, são labores que nos perdem do centro, são labores de Martha. Ou inferiores.

Ao Progresso afinca-se o homem. E' um progresso exactinho de P. A vibração que se sente mais aguda no elemento mulher parece, por conseguinte, inherente a um como programma de toda a modernidade. Eu chego a lançar que devia ser mais agradavel a Deus que as mulheres, continuando a sustentar o sacrificio das suas aspirações de ennobrecimento e gloria, cuidassem de tornar esses tantos bilhões de Martha — licença para escrevel-o! — em outras tantas Marias. Uma influencia que se casaria á da Egreja Catholica, dos seus membros. O que dava num regresso, mas regresso — Progresso para Deus. Mas, isto é impossivel. Não se hospeda o Céo na **redondeza.** Não é ahi o **paraizo das delicias** d'Elle. Oh, então, então...

Não é melhor, no emtanto, ir querendo puxar as basbas do Creador. Eis que a mulher quer ir p'ra guerra. Eu digo que a mulher brasileira estará prompta para a caserna, como quer votar. Philinto Bastos, outros Bastos Philintos ainda apresentarão os mesmos motivos para que a brasileira não possa votar e ser votada e eleita: o tributo do sangue que não paga, o serviço militar.

Eu digo que a mulher ambiciona ir p'ra guerra, para as linhas de fogo, como a primeira mulher foi enfermeira na guerra, como o foi D. Izabel de Castro, Condessa de Vianna, em **Alcacer-Ceguer,** no anno de 1450, de livre vontade, — do que nasceu historia. Conta-o Ruy de Pina, contam outros.

Eis que a mulher quer ir p'ra guerra. Faça-se sua caserna. Eu digo que ella tem fome de dar seu sangue, de queimar das fundas queimaduras da guerra.

Se a morte tem alguma coisa de doloroso, é antes de se sentir morrer que do facto de vêr morrer os outros. Para que poupar o mêdo da morte á mulher.

E' preciso alcançar quanto perdôa á patria o sangue que ensopa a terra por servil-a.

E' preciso ter o alcance da virtude lustral do sangue.

Donde me rir muito de todas as conciliações brilhantes de paz universal, porque se conciliam as patrias, não querendo Deus a purificação dellas a sangue. Por isso, não se irá, todavia, reagir contra a propaganda de humanidade de um Romain Rolland, de firmeza grave; contra Duhamel; contra Briand-Kellog, Phocions, etc., etc.

Recordar alguma coisa de Joseph de Maistre acerca da metaphysica da guerra; de Ernest Psichari, vale a pena.

Mas, de Maistre construiu verdadeiramente um edificio de idéas em que se não tem vontade de tocar para fazer em citação a simplificação delle.

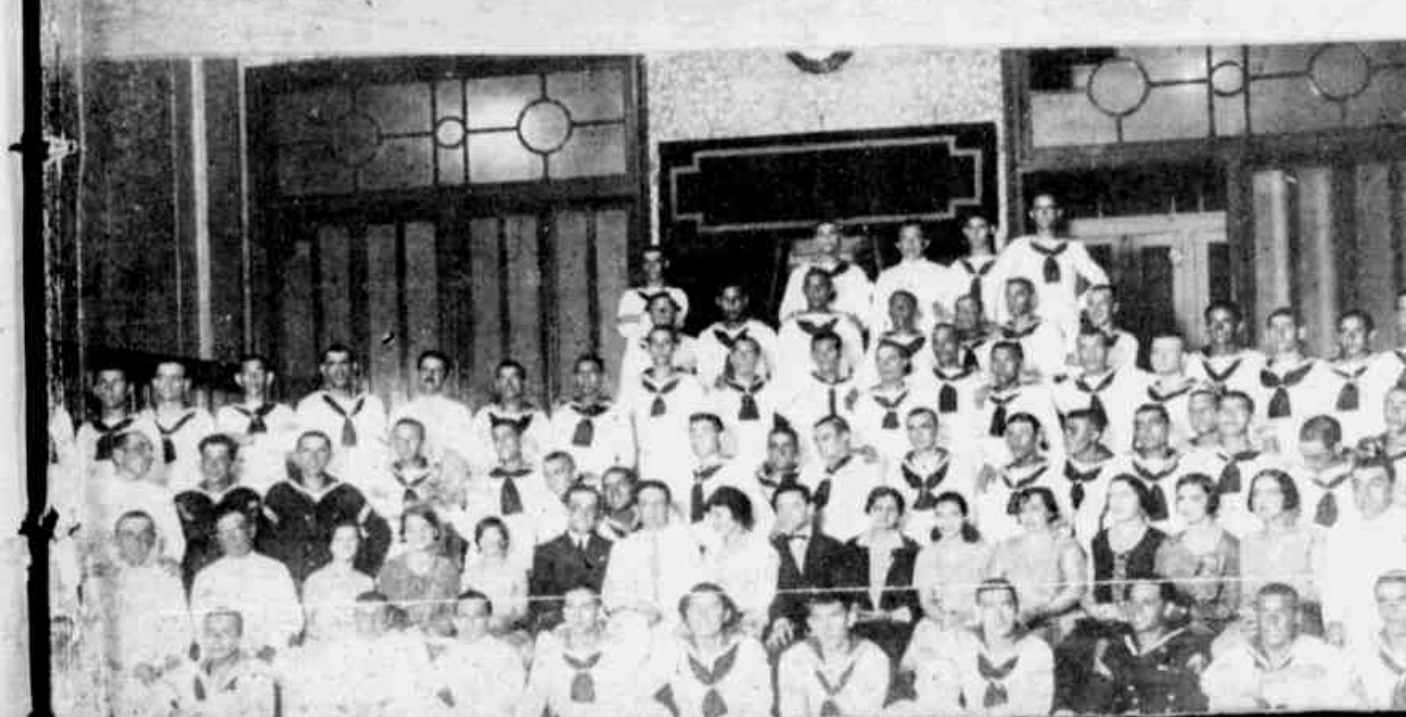
O qual não no admitte.

Ernest Psichari — no mais emmaranhado do coração religioso seu passou um desses tersos accentos do Deserto da terra do homem negro que podem crear **as trevas divinas,** como escreveu G. Chesterton.

Não é que foi um grande soldado que cahiu sem sopro de vida no peito, santamente, na guerra aos 22 de Agosto de 1914! E' mister prestar attenção que a 22 de Agosto de 1914 morreu o grande soldado acariciado do Espirito-Santo. E sua figura é mais do que significativa. Foi muito feliz. Ora, o homem ainda é muito feliz de lhe ser dado o sacrifico da guerra.

:-: N A P R A I A :-:

(Desenho de R. B. K.

Recepções na Embaixada da França e na Legação da Polonia. — No Club Naval durante a festa offerecida ao Commandante e aos Officiaes do navio hespanhol que esteve no Rio. — Na Escola Polytechnica quando o senhor Paulo de Frontin tomou posse do cargo de director. — Guardas-Marinha de 1929 depois da bençam das espadas, na igreja da Candelaria. — Marinheiros hespanhóes no baile que seus patricios do Rio lhes offereceram. — Festa dos Sargentos no Club Guanabara.

Reveillon no Atlantico Club, em Copacabana.

Enlace Zuleika Camisão Fialho — Octavio de Sequeira Mello

Anno Bom!

Festas de Anno Bom! Noite de 31 de Dezembro! Alegria duma esperança boa! A cidade trepida num antegosto de Carnaval. Já pelo fim da tarde a Avenida cheia fica intransitavel. Gente carregada de embrulhos passa apressada, aos encontrões. As lojas regorgitam. Na casa Carvalho os caixeiros, zonzos, não sabem a quem attender.

— Moço! Moço!!

— Um momento, faz favor.

A um canto, um senhor de luto, soturno, accentua mais a impaciencia contente dos que compram. O calor suffoca. Os automoveis, endoidecidos, buzinam sem allivio e se esgueiram entre os outros com habilidades de picadeiro. Nas confeitarias quasi não se póde entrar. As victrolas de Ouvidor e Gonçalves Dias gritam as novidades, de quando em vez, a "Broadway Melody", especie de Ramona inoffensiva, ainda manda um "you are meant for me" esfalfadissimo. As casas de flores, despovoadas, têm um ar cansado. Na Brahma, na Americana, no Nacional, grupos esperam vagas. E na cidade que se accende omnibus e bondes correm apinhados.

———

A hora do jantar não traz tregua. Nas casas de commercio fechadas, as vitrines brilham. E na agglomeração de automoveis um pouco mais de calma indica que a corrida se transformou em corso. No corso que vae até a hora dos "reveillons" e depois, pela noite a fóra. Nas praias os passeios estão cheios e os bancos têm lotação completa. Os carros passam numa fila ininterrupta, com as capotas arriadas e gente em pé, canções e gritos que dizem coisas que não se entende. Ha um predominio de roupas claras e vestidos leves. Depois, na sombra das "limousines", começa o desfile dos decotes, dos "smockings", das casacas. Vão para o Copacabana, para o Jockey, para o Country, para os logares em que o "jazz" e o "champagne" promettem dansas e expansões de bom-humor.

———

A praça Juliano Moreira atravancada, difficulta a chegada ao Botafogo F. B. Club. Torcedores e torcedoras vão enchendo o lindo pavilhão. Todos falam e ninguem se entende. A cordealidade que anda no ar faz dos conhecimentos recentes velhas amizades A orchestra tóca "blues" irresistiveis. Tangos colleiam numa molleza que o calor augmenta. De repente, apitos, foguetes, roncos de buzinas, berreiros... Meia noite. Felicitações e cumprimentos. Cartão-postal vivo.

Um "gentleman" vermelho e alagado, apezar do "mess-jacquet", beija a mão de uma senhora, com uma reverencia difficil:

— Happy new year!

Adeante, um senhor da Academia, grave, augura a uma senhorinha:

— Que o novo anno lhe seja uma mésse farta de venturas...

Um "smoking" e um vestido rosa, em estado de "flirt":

— Que tenhas, Fulaninha, tudo o que desejares!...

O vestido rosa, cheio de intenções:

— Tudo?...

E o "smoking", convicto:

— Tudo!

Num grupo, Luzia Pederneiras faz "meeting". Passa, rindo, Violeta Fabrizzi. Vêm, depois, Zita Coelho Netto, Dulce e Alice Carvalho Araujo, Hilda Saraiva, Nina Cruz, Vera Gusmão, Lygia Castro, Olga Bergamini de Sá, Helia Pires, Marina Trindade, Lia Pederneiras, Maria da Penha Delcovi, Elza Pires das Neves, Cléo e Zulmira Ferreira, Maria José Vieira, Cléa e Léa São Paulo, Yolanda Palmer, Léa Portugal, Gilberto Goulart, Maria Sylvia Goulart de Oliveira, Zilah Guimarães, Zenith e Gilda Campos, Maria de Lourdes Teixeira, Sylvia e Elza Oliveira Penna, Alice Borges, Antonietta Gomes de Castro, Martha Mello, Cela e Hilda Caetano de Faria, Dilermando Cruz Filho, Harold Daltro, Gessy Barbosa, Genny Rebuá, Martha de Carvalho, João Lyra Filho, Lili de Freitas, Dulce de Almeida, Cenira Ribeiro Guimarães, Eunice de Andrade, Hilda Lacerda, Yolanda Weiss, Florindo, Virginia, Isabel e Victoria Monaco...

A animação cresce. O barulho das conversas iguala o da orchestra. O "champagne" e os "fox-trots" afogueam os rostos.

— Que calor!

— Vamos dansar?

— Vamos.

Vemos ainda os senhores e senhoras Flavio da Silveira, Paulo Azeredo, Alberico Couto, Calmon Costa, Ary Miranda, Renato Campos, Waldemar Wright, Martinho Garcez Caldas Barreto, Armando Nogueira, Mario Pinto, Oscar de Souza Machado, Matheus Monaco, Ribas Carneiro, Léo de Alencar, Autran Dourado, Gil de Alencar.

A festa continúa sem que se perceba que a noite avança. Fóra, a briza da madrugada é uma caricia sobre a face. Os automoveis são mais raros. No fundo dos carros ha cochilos. Um ou outro grupo mais resistente passa de garganta cansada, dando vivas roucos. Vivas a 1930, que chegou e ha de trazer uma porção de coisas boas e bonitas, — as coisas que desejamos — além de muitos logares novos para a gente se divertir e outra festa de fim de anno boa mesm, como a do Botafogo F. B. Club. — B. P.

Ciranda - cirandinha

AS DUAS LADRAS

As duas ladras... mas não é preciso chamar a policia. Eu até peço desculpas da expressão, tão crúa e mal calçada...

As duas ladras... sabem quaes? As duas mais lindas, mais voluptuosas, mais attrahentes c'dades deste hemispherio. Ladra contra ladra... Ladra que rouba ladrão... cem annos de seducção...

A ladra é Petropolis — senhorita Piabanha. O ladrão (ai! ladrãozinho!) é "mestre Rio", heróe cosmopolita do nosso Lima Campos... S'm, o R'o, esse garoto-gentilhomem, a que, sem redundancia, chamamos "marquez de Guanabara"...

Pois é o caso que, todo o anno, "mestre Rio", por displicencia ou esperteza, por simples questão de bom gosto ou por accessos intercadentes de kleptomania, vae ao jardim da senhorita e lhe sorrepia braçadas de hortensias e cravos...

— Ladrão de flores, ladrão elegante, collecionador heraldico...

Mal, porém, começam a esbrazear os primeiros sóes de Dezembro, a ladrazinha do alto da serra dá o signal de "revanche", e...

— E...

... arrebanha para Petropolis as corollas mais fidalgas do jardim carioca... Corollas vivas de carne e osso... Vae-se aos chás da Colombo... Penumbra e ermo: — "silencio, escuridão e nada mais". Vae-se jantar no Jockey—politicos, "business-men", novos ricos. Vae-se ao "souper-causant" do "Coq" e... elles, elles... mais elles que ellas... Ou ellas em miscellania (sem letria)...

Boas festas de Raul

Que é das rosas e dos botões de rosa? que é das "estrellas" innocentes do nosso imaginario "cinema" social? aquellazinha de Copacabana, Norma Schearer de "maillot"? aquell'outra de Haddock Lobo — Greta Garbo da Praça Saenz - Peña? e aquella "borrasca perfumosa" — Wanda Volney, de Botafogo, Wanda, vándala, cuja "barata" é um furacão? que é das rosas e dos botões em flor?

— Ah! meu amigo, as rosas e os botões criaram azas na roseira... E lá se foram todas lá para a serra, para a "Cremerie" e o Tennis Club, a pagar os cravos e as hortensias, que, em Junho e Julho, trouxemos, ás braçadas, cá, poa baixo...

Conquista por conquista, o Rio não sahiu com a parte do leão. Eu até tenho pena de tal leão... (Misericordia!)

BRAZ GAROTINHO

Reveillon em casa do Dr. Joaquim A. Benedicto Ottoni e no Botafogo Foot-Ball Club

Anno Novo

Festas que realizaram na noite de São Sylvestre no Club dos Bandeirantes — na Banda Portugueza — no Club Gymnastico Portuguez — no Centro Israelita — no Orfeon Portuguez — no Orfeon Portugal. — Entrada do anno novo: primeira noite do Carnaval.

Um instantaneo na praia do Lido, em Veneza. Está actual. Tambem vamos ter Lido aqui. Em Copacabana. Não será uma praia dentro de uma praia. Será apenas um refugio para os banhistas dos varios postos :-: desde o Leme até á Egrejinha :-:

A CASA DOS INCONFIDENTES DE VILLA RICA

O DR. PAULO DE FRONTIN OFFERTOU A' MUNICIPALIDADE DE OURO PRETO A CASA ONDE SE REUNIAM OS INCONFIDENTES

NAS paginas de nossa historia, nenhum feito mais brilhante nem mais commovente que o da inconfidencia mineira.

Ali se sacrificaram, em annos seguidos os primeiros martyres do nosso regimen, e, como epilogo, o sangue de Tiradentes veiu baptizar, nas mãos inconscientes de D. Maria I, a louca, a historia republicana daquella época.

A casa onde os Gonzaga, os Xavier e outros grandes patriotas se reuniam durante as invernosas noites dos seus chamados conciliabulos, a todos merecia especial carinho. Reiteradas vezes tem a imprensa a ella se referido.

Pertencia o monumento da Villa Rica ao Senador Paulo de Frontin, por parte da Empresa de Melhoramentos do Brasil, que o adquiriu ha longos annos.

Offertas varias teve o senador carioca pela historica propriedade, cujo valor estimativo ascendia a alguns milhares de contos.

Recusando sempre, porém, e, o que é mais, por sentimentos de puro patriotismo, aguardando apenas a occasião opportuna para offertal-a á municipalidade da antiga Villa Rica, eis que agora acaba de se lhe deparar esta opportunidade, em virtude do desejo realmente manifestado por aquella municipalidade de zelar com amor pela reliquia dos inconfidentes de 1792.

Dado este ensejo, immediatamente o senador carioca mandou doar á historica Villa dos proto-martyres aquelle incomparavel monumento nacional, cujo valor e tradição só a posteridade poderá julgar devidamente. Na Argentina, no Chile, na America do Norte e em todos os paizes onde a independencia teve os seus marcos historicos, estes são religiosamente guardados. Aqui, felizmente, o mesmo agora se vae dar, graças ao patriotico gesto do Dr. Paulo de Frontin.

E' o seguinte o officio recebido pelo senador carioca, em data de 8 de Dezembro p. findo, do Presidente da Camara Municipal de Ouro Preto, Dr. Alfredo Teixeira Baeta Neves:

"Exmos. Srs. Senador Dr. André Gustavo Paulo de Frontin e Dr. José Valentim Dunham, M. M. D. D. presidente e thesoureiro da Empresa de Melhoramentos do Brasil.

Em nome da Camara Municipal desta cidade e no meu proprio, venho agradecer a essa Empresa Industrial de Melhoramentos do Brasil, de que V. V. Exs. são muito dignos dirigentes, pela significativa doação que acaba de fazer a esta municipalidade da Casa dos Inconfidentes, reliquia historica que tão caras e grandiosas recordações traz a todos os brasileiros e que, como tantas outras existentes na ancestral Villa Rica, incitou, ainda ha pouco, os deputados brasileiros Assis Brasil e Baptista Luzardo, a proporem ser esta cidade considerada "monumento nacional".

O povo de Ouro Preto, portanto, sinceramente reconhecido ao gesto dessa Empresa, vindo ao encontro dos seus desejos e de todos os brasileiros, reitera-lhe, por meu intermedio e nas pessôas de V. V. Exs., os melhores agradecimentos, e tudo fará para conservar, com o carinho que lhe merece, a alludida Casa dos Inconfidentes.

Valho-me da opportunidade para apresentar a V. V. Exs. os protestos de meu mais alto apreço e distincta consideração.

(a) **Alfredo Teixeira Baeta Neves,**
presidente da Camara Municipal de Ouro Preto".

Um homem e outras preciosidades

Conto de Juarez Felicissimo

Raras vezes sahia, raras vezes dava uma volta, ia ao cinema. Assim mesmo...

Enfiava-se no quarto, contra a vontade, o dia inteiro, a noite inteira, a estudar, a lêr. Lia romances e estudava mathematica, historia, cosmographia, portuguez—Grammatica Expositiva — curso superior. Fazia questão do CURSO SUPERIOR.

Uma noite, sem que soubesse porque, veiu-lhe um desejo brusco de perambular á tôa pelas ruas, de entrar no borborinho do povo, de analysar longamente a vida bohemia, da qual tinha apenas uma vaga noticia atravez de leituras.

Chegou até a porta da rua, olhou para baixo, para a cidade illuminada e para o céo côr de estanho, sem uma estrella. Dentro de si, o desejo... Tirou o relogio: onze horas e vinte e cinco minutos. Nunca chegára em casa depois das nove. Nove e meia no maximo. Agora ia sahir ás onze e vinte e cinco... Era forte e até perigoso... Mas não fazia mal.

Tornou a fechar a porta, voltou para o quarto, ficou olhando a cara no espelho. O collarinho um tanto sujo, o paletot um pouco sovado, e nada mais. Ia assim mesmo.

De repente, lembrou-se do pae. Reviu-lhe a cara austera, o punho cerrado, numa attitude pouco tranquillizadora.

— Você vae para o collegio! Você não tem geito!

Uniu a orelha na porta, perto do buraco da fechadura. Ouviu no outro quarto, quasi imperceptivel, a respiração do pae que dormia.

Num atomo, galgou a janella e cahiu no jardim, sem fazer ruido.

Teve a principio uma coisa parecida com arrependimento. Sentia a impressão de que ia commetter um grande crime. Depois... Depois... Mas, afinal, que vida!

Enfiou a mão no bolso, achou uma nota de dez pilas, muito amarrotada, muito velha, mirou-a longamente, cariciosamente, passou-a nos dedos com cuidado, pôl-a mais decente.

Dez mil réis... um chôpe... Não! Dois ou tres chôpes, depois o cabaré. Ah! o cabaré! Como seria, afinal, o cabaré? Um salão enorme, muito illuminado, fócos de luz verde, vermelha, amarella, azul, e o que mais? Mulheres núas... Havia lá mulheres núa? Decerto! Nuasinhas... Lindo!

Foi andando, virou a esquina, parou. Bem defronte á casa de Norma. Olhou a janella do quarto: illuminada. Norma sempre teve médo de dormir com a luz apagada. Bobagem... Uma vez... Os labios della, um pouco grossos, e bem feitos!...

Reviu aquellas ancas bem torneadas, redondas, uma belleza. Reviu os seios — que advinhava serem lindos e pequeninos...

Uma vez... Uma vez quiz beijal-a, avançou para ella, fez um esforço enorme para alcançar-lhe a bocca. Mas não alcançou. Dahi em deante, ella fugia, não queria vêl-o, um martyrio. E dizia nunca mais — um "nunca mais" que parecia final de soneto.

Elle, triste, arriscava:

— Mas porque, Norma?

— Você é um semvergonha!

Elle, então, ria satisfeito, porque gostava de ser semvergonha. Brincar de dar beijos na bocca... Serenamente, no escuro ou debaixo de uma mangueira. Lindo!

Antes, eram outros brinquedos. Trepar nas ameixeiras do vizinho, dar uma bodocada bem no meio da testa de um gato preto que gostava soberbamente de pintos... Queria vêr o sangue espirrar vermelhinho e o gato estrebuchando...

— Safado! Gato safado!

Mas no fim tinha sempre uma coisa lá dentro, que lhe fazia mal: era o remorso.

— Coitadinho!

Olhava o gato estendido no chão, mole feito molambo, virava-o de barriga para o ar, examinava-lhe o ferimento, ficava seriamente triste.

— Coitadinho!

Os urubús começavam, então, a policiar as redondezas. Vinham descendo, descendo, em grandes bandos, os olhos pregados na mancha preta do gato, cá em baixo. Ahi, outro divertimento: pôr vidro moido na carne.

Depois, annos depois, sem que elle percebesse, suas idéas mudaram, os urubús não encontraram vidro moido na carniça e os gatos iam engordando serenamente.

A's vezes, não conseguia dormir, ficava pulando de ideal em ideal... Sentia-se infeliz, então. Outras vezes, sem que soubesse porque, vinha-lhe uma alegria brusca, imprevista, allucinante. Era ao contemplar uma paisagem, um céo sanguineo, o luar...

Depois, um dia, reparou longamente, com erotismo, no corpo formoso de Norma. E foi-lhe uma revelação o corpo della. A principio, uma revelação apenas. No fim, um martyrio. Noites em claro, a construir, a destruir, a formar projectos absurdos... Depois, uma tristeza gostosa a arrepiar-lhe os musculos...

Foi assim: elle estava parado deante de Norma, olhando, lá muito no alto, as estrellas do "Cruzeiro do Sul". Não se interessava pelas estrellas, nunca se interessou por estrellas. Olhava-as agora, com uma fingida attenção, apenas para disfarçar o seu silencio platonico, que cheirava a jasmins branquinhos.

Um silencio... um martyrio...

As estrellas eram mundos, milhões, trilhões de vezes maiores do que a Terra com todas as miserias possiveis. Seriam mesmo? Antes, noutros tempos, acreditava serem uns pontinhos invensivelmente luminosos, nada mais. Mais felicidade nesse tempo. Os astronomos, afinal, uns damnados! Descobrirem um mundo em cada pontinho luminoso! Isso, uns pensamentos... Agora, o "Cruzeiro do Sul" outra vez. A estrella Alpha, maior, mais brilhante, 1ª. grandeza, linda! A outra, 4ª. grandeza, pequenina, humilde, quasi sem brilho, um pouco ao lado de "Cruzeiro", essa atrapalhava seriamente a estetica luminosa da constellação. Olhando-a, ficou se lembrando de umas coisas longinquas, imprecisas, suaves. Talvez fosse de alguma mulher. No fundo, verificou que não era de mulher nenhuma. A's vezes, isso quando criança, ficava deitado no passeio, barriga para o ar, braço em cima da testa, a contar estrellas com o fura-bôlo para que nascesse nelle uma verruga. Coisas que lhe ensinára uma cosinheira, negra-mina, muito entendida em bruxaria astronomica.

— Contou as estrellas do céo, verruga na certa. Nhônhô num credita, tá rindo? Vae vê!...

Agora, um silencio... As mesmas estrellas, o mesmo céo muito azul... A a alma! A preta... que fim teria levado a preta?... Morrêra de certo, muito velha, coitada!

Voltou outra vez a pensar na maldita estrella que atrapalhava o "Cruzeiro". Uma pena!

— Você não acha, Norma? Você não acha uma pena?

Ella não sabia o que elle estava pensando, não entendeu, olhou-o lá dentro dos olhos.

— Não acha o que?

— Que aquella estrellinha atrapalha a bonitesa do "Cruzeiro do Sul"?

— Qual? Aquella pequenina do lado? muito pequenina?

— Aquella.

Ella concordou que atrapalhava, que era uma pena. Lá dentro, achava a pergunta soberbamente idiota.

— Mas porque você veio hoje com essa historia de estrellas?

Elle não sabia porque tinha ido com a historia. Disse que era á tôa, que gostava de achar defeitos em tudo, até nas estrellas. Achou a resposta magnifica e continuou. Por exemplo: o "Cruzeiro do Sul" era lindo e defeituoso. Inconscientemente defeituoso. Norma era ainda mais linda e mais defeituosa. Conscientemente defeituosa. Afinal, o encanto, a belleza, a attracção, o magnetismo das mulheres eram os defeitos.

Chegou perto, bem perto della.

— Você não acha assim, Norma?

— Não acho coisa nenhuma. Vocês, homens, não sabem nada e pensam que sabem tudo, que penetram em tudo, até na alma complicada e bôa das mulheres. Ora, adeus!

Falou isso com raiva e foi andando, foi sahindo, foi sahindo. Elle quiz acompanhal-a, ella voltou-se mirou-o de alto a baixo, com antipathia, com uma aversão momentanea, jogou-lhe uma phrase dura na cara:

— Faça o favor de não me amolar, ouviu?

Nada mais. Elle ficou parado, a garganta secca, doendo, uma vontade doida de chorar. Viu-a entrar em casa, bater com força o portão. Depois...

— Adeus, Norma! Você ha de me pagar, você ha de me pagar! Bem caro, ouviu?

Ella não ouviu nada, nem elle falou para que ella ouvisse.

Agora, a paixão firme, invencivel, estratificada por aquelle "faça o favor de não me amolar", uma lastima. Afinal, coisas que a gente não explica.

O resto, o estudo, as mathematicas, a cosmographia, a historia, a literatura, a Grammatica Expositiva — curso superior — tudo por agua abaixo.

Não queria lêr, não queria estudar, não queria coisa nenhuma. Queria Norma, necessitava de Norma. A imagem della, talvez um pouco desvirtuada pelo excesso de imaginação, essa permanencia quetinha no seu sub-consciente. Uma especie de pirraça medida e quadriculada.

(*Termina no fim do numero*)

MUSICA

E' curioso como a vida urbana predomina na organização de muitos programmas musicaes da actualidade. Em vez de Beethoven, Schubert, Wagner ou Debussy, com a suas melodias de campos e florestas, riachos e collinas, dão-nos Honegger, Carpenter ou Respighi, descrevendo locomotivas, arranha-céos e fontes e arcos triumphaes da Roma Imperial. Apparentemente o compositor contemporaneo obriga-se a derrubar cidades. — Mesmo quando a nossa musica não é urbana de modo especial, a nossa conversa a respeito o é — aço, concreto, Babylonias modernas, "jazz bands", o ruido das machinas, o suor dos trabalhadores e outros phenomenos interessantes da vida da communidade.

Tudo isto faz parecer a arte moderna muito moderna e exitante e proxima de nós. Talvez proxima demais, na minha opinião. Quando a nossa época fôr uma época remota, a musica cujo unico fim é traduzil-a, tambem se tornará uma musica antiquada. — Arvores, montanhas e tempestades são mais ou menos a mesma coisa em todos os tempos. Machinas, porém, assim como outras fabricações humanas, estão sujeitas a aperfeiçoamentos. Os phenomenos externos de qualquer civilização não têm muita importancia no decorrer do tempo.

PEDRO SANJUAN, compositor hespanhol da escola moderna, fundador e director da Orchestra Philarmonica de Havana, que elle dirigiu em Los Angeles, e tambem dirigiu a orchestra do Hollywood Borol recentemente. Sanjuan é hespanhol, e foi discipulo do compositor Joaquim Furina. (*Photo Lansing Brown*).

MADAME PEDRO SANJUAN (*Photo Lansing Brown*).

Frank Moore Colby já escreveu:

"Nos livros não é o progresso que interressa; é a pessôa com a qual progredimos! Modernismo é uma qualidade accidental, que tem tanto a ver com o seu valor intrinseco, quanto o dia do mez em que foram impressos".

— Elle se refere a livros, mas as suas palavras tambem se podem applicar á musica. Grande parte dos compositores contemporaneos estão, infelizmente obsecados pelo ultra-modernismo. Arte não é moda.

A musica não é da moda, nem é antiquada, e musico algum póde exprimir propositalmente o seu tempo, a não ser que elle proprio seja um producto da sua época. Os compositores devem compôr e deixar a outrem o trabalho de descobrir o que significam suas composições. Muitos dos nossos jovens estão tão preoccupados em exprimir o espirito da época, que esquecem até de se exprimir a si proprios. Emprehendem uma tarefa pesada demais para seus hombros.

"Dêm a um autor um thema grandioso", diz o incomparavel Colby, não o tornareis grandioso; poreis apenas em evidencia a sua pequenez".

DEEMS TAYLOR

CHEGADA DO PRESIDENTE GETULIO VARGAS AO RIO DE JANEIRO E LEITURA DA SUA PLATAFORMA NA ESPLANADA DO CASTE

MUSICA

Quando esta chronica fôr publicada estarão realizados os concursos a premio do Instituto de Musica. Só, portanto, na semana seguinte deveremos poder dar o resultado desses concursos, registrando os nomes dos candidatos que a sorte aquinhoar com a sua predilecção. Emquanto esperamos, passaremos os olhos por alguns jornaes de Manáos e de Belém, para transmittir ao leitor as impressões que Arnaldo Rebello produziu naquellas duas capitaes do extremo norte, quando ali esteve, recentemente, em excursão artistica. O "Rionegrino", que é a melhor revista do Amazonas, escreveu, entre outras, estas linhas: "O seu temperamento de encantador de multidões mostra-se sempre incontido e ultrapassa-se a si mesmo, como se nelle houvesse, além da realidade musical, o impeto indomavel de um espirito satanico — alma feita de harmonias, elle é sobretudo um interprete de emoções. E' por isso, talvez, que as suas execuções dos classicos do piano lhe caem dos dedos vertiginosos com o traço exaggerado de um enorme desejo de perfeição, aproveitando-se dos seus instantes com uma verdadeira soffregudão, realizando uma porfia sensacional entre as suas inspirações pessoaes e a necessidade de interpretar o programma, sem esquecer a letra rigida dos autores". Elle é, segundo a palavra enthusiastica de Adriano Jorge — "o irresistivel inductor do mysterioso magnetismo de sua arte, o mais intenso deflagrador de enthusiasmos, que o illustre intellectual jámais ouviu". E accrescenta: "E' um grande artista esse moço que, aos vinte e quatro annos, traz a alma turgida de toda a formidavel potencialidade sensitiva, que lhe dá aquellas calorosas intensidades dynamicas com que o ouvi, na interpretação irreprehensivel, comquanto personalissima, da obra artistica dos maiores mestres". Interpretando Beethoven, o pianista, "com a sua technica surprehendente desemmaranhou o "côro dos Derviches" com a maestria de pianista consummado que é". Em Chopin "poude revelar toda a poderosa complexidade de sua dynamica, nos surtos de irreprehensivel coordenação de seus musculos magnificamente disciplinados". E, por fim, declara que Debussy tem nelle "talvez o seu interprete mais completo". Na expressão de Alvaro Maia, Chopin, através da execução que lhe deu Arnaldo, "derramou sobre a nossa sensibilidade tropical a sombra e a melancolia de seus nocturnos vasados em soluços, que são o sangue da alma no aguilhão da suprema dôr". Do mesmo critico, é esta phrase: "Ninguem esquecerá "A Bençam de Deus na solidão", bebida num silencio doloroso, como se todas as almas voassem. em escalada transfiguradora, para o azul e para a belleza". O "Jornal do Commercio", de Manáos, achou que "o pianista que vae dos "Estudos Symphonicos" á "Caixa de Musica" é uma prodigiosa realidade resplendente dos mais absconditos mysterios da nossa natureza original e forte". E accrescentou que elle "chegou a transfigurar-se", integrando-se ás composições que executara, imprimindo-lhes o calor equatorial do seu espirito". No Pará, Sandoval Lage escreve phrases assim: "Em Chopin revelou-se o grande pianista". "O seu poder de interpretação é admiravel". Elle "não se preoccupa com o ambiente", pois "sente a execução e não foge para os effeitos exteriores". Emfim, "é alguma coisa mais do que um pianista; é um artista de escól". Para "O Imparcial", de Belém, o pianista brasileiro assombrou com a sua maravilhosa interpretação, a quantos o ouviram no "foyer" do Theatro da Paz. "Moço ainda elle é já uma completa affirmação de valor. Sua technica é surprehendente e impeccavel. Quando executa, "parece que se opera o milagre divino de arrebatar extranhas sonoridades do instrumento, que vibra, se exalta, alteia e intensifica, como se uma vara de condão o transformasse, de subito, em um instrumento orfico capaz de extasiar os deuses". Na "Folha do Norte", A. F. declara que a "sua technica minudente e limpida, a serviço de uma vibrante emotividade confere ao as qualidades primordiaes que lhe permittem desdobrar com fidelidade sobre o teclado os lindos e elevados pensamentos dos grandes compositores". Através dessas poucas phrases que ahi ficam reproduzidas, é facil verificar o esplendido triumpho obtido por Arnaldo Rebello, em Manáos e Belém. E é assim que vae proseguindo em sua carreira, apenas iniciada, esse talentoso artista, a quem, na phrase de Adriano Jorge, "para a sua gloria resplandecente nem ao menos faltou ainda a consagração da inveja e do rancor!"

T. G.

O senhor Presidente Washington Luis fez a entrega de espadas aos novos officiaes, estando presentes os Ministros da Guerra e da Marinha.

Eneida que escreveu "Terra Verde"

P o e s i a

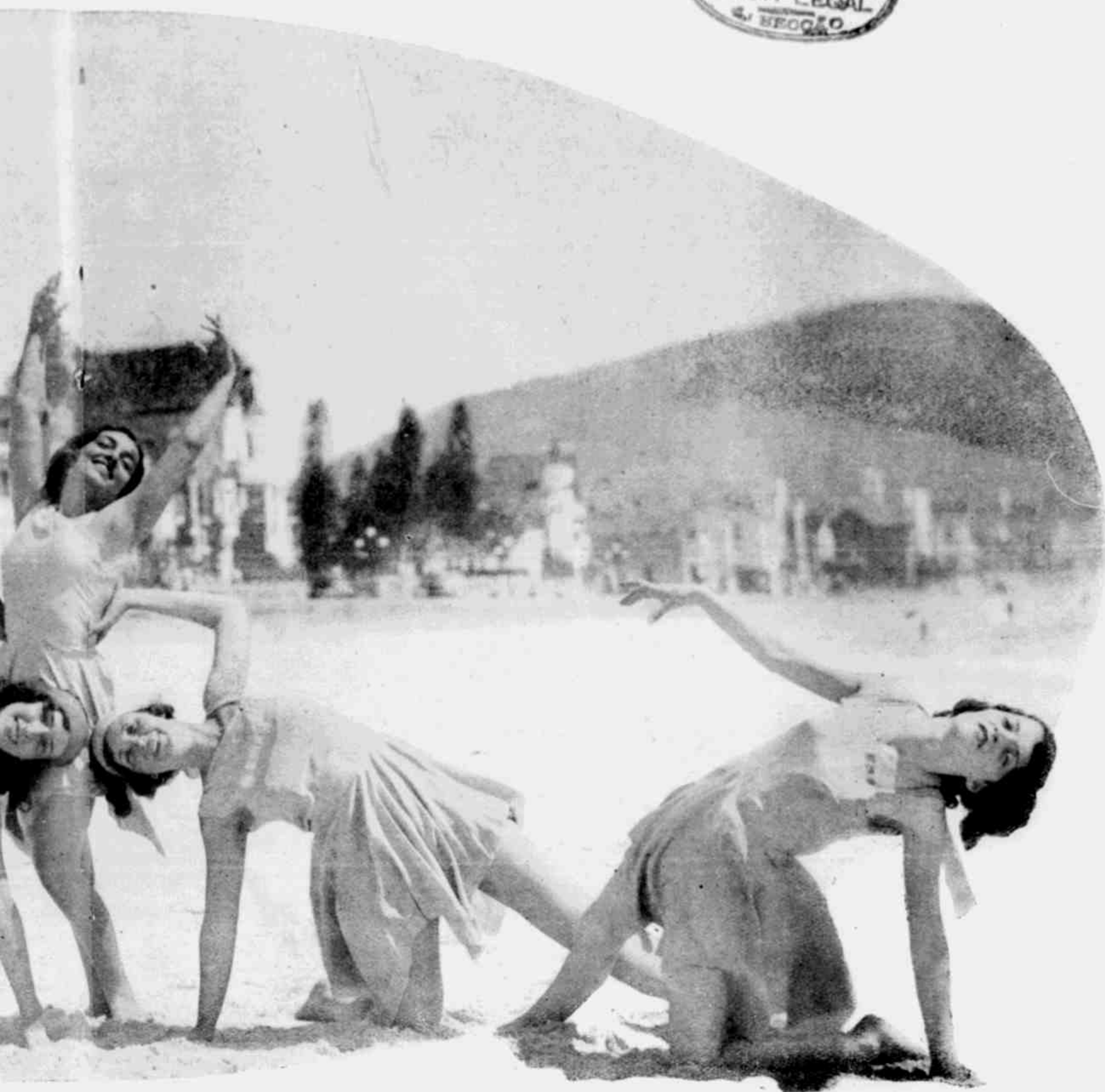
Nossa Senhora dos Navegantes, minha padroeira, me livre sempre de fazer noticias sobre os livros que apparecem. Porque a gente faz uma, faz duas e quando faz tres está perdida. Todo mundo quér. E eu tenho medo de mentir demais. Estraga as unhas. Os livros que apparecem são muitos. Os bons são os dos meus amigos. Os outros não prestam. Eu não disse nada do livro tão bonito de Vargas Netto, livro de amor, livro de cidade, casa nóva, bangalô do poeta que morava na estancia, livro infinito: "Tu". Mas li, reli. Tambem não falei do "Giraluz" de Augusto Meyer. Mas li, reli. E de Augusto Meyer já sei de cór os "Poemas de Bilú", que têm gôsto de Porto Alegre, e me dão saudades de lá. D'"O Sabio e o Artista", de Pontes de Miranda, até escrevi. Quando chegou a hora de passar a limpo não passei. Não me engano. E' indelicadeza. E' falta de camaradagem. Não é sério. Quem me quér bem perdôa. Quem não me quér não merecia. Vão vêr si esses e Jorge de Lima e Olegario Marianno ficaram brabos commigo. Pois sim! Mais vale um amigo na mão do que dez elogios voando. Quem foi que falou de "Adão, Eva e outros membros da familia"? Ninguem. E "Adão, Eva e outros membros da familia" deixaram por isso de ser a coisa melhor que eu já publiquei? Preferivel é que o publico entre nás livrarias, folheie os volumes, léve os da sua escolha. Criticar é para João Ribeiro, Humberto de Campos, Tristão de Athayde, Medeiros e Albuquerque, que tinham competencia e se estabeleceram. Os criticos em geral não pódem lêr. Que dê tempo, coitados? Lêr é sentir, comprehender. Para dar opinião sobre tudo que se edita no Rio e nos Estados os criticos passam os olhos depréssa nas primeiras paginas. Prompto. Se não fôr assim como é que hão de dar opinião? Eu sou leitor. Apenas. Não leio julgando. Leio gosando. "Terra Verde", de Eneida, igual á Eneida, com aquelles olhos e aquella alegria tristonha, assahy do Pará, banho de cheiro, Muirakitan... E a surpresa de "Pussanga", de Peregrino Junior, que era o chronista um pouco melancolico das nossas futilidades e surge de repente um evocador profundo do Brasil que parecia inventado e é de verdade mesmo! Episodios e paysagens da Amazonia. Carimbó. Feitiço. O sobejo da cobra grande. Pussanga. E umas mulheres e uns homens, nossas irmãs e nossos irmãos, tão differentes de nós e tão iguaes. Eta familia grande! Que logares, que casos para sahir delles e ir á "Cidade Imperial", de Alcindo Sodré, Petropolis, allemãzinha perdida numa montanha, que se vestiu de flores para aprender a falar outra lingua e ficou sorrindo para o sol e para a chuva, côr de cravo e côr de hortensia, o Piabanha amarrado na cintura. E os contos de Horacio Cartier. E os versos de Horacio Cartier. O jornalista vivo, nos encontrões das hóras quotidianas, commentando a crise do café, a ultima intervenção cirurgica, um attentado contra Mussolini, linhas de navegação, concertos nas ruas e no Instituto, o congresso odontologico, desastres de aviação, a Favella vae abaixo, o telephone automatico, irradiações, incendios, o baile do Copacabana Palace. E, dentro desse jornalista, um poeta conta historias e canta para embalar a vida. "O concertador de bonecas". "A mulher do illusionista"

A L V A R O
M O R E Y R A

Horacio Cartier que escreveu os poemas d'"A mulher do illusionista" e os contos d'"O concertador de bonecas".

Alcindo Sodré que escreveu "A Cidade Imperial" e Peregrino Junior que escreveu "Pussanga".

Em Copa-caba-na

A professora Naruna Corder antes de embarcar para os Estados Unidos posou com suas discipulas para o nosso companheiro Pedro Lima, que é um dos photographos amadores mais batutas do Rio. Aqui estão alguns dos instantaneos batidos por Pedro Lima na praia e no jardim do curso, rua Bolivar. O sol do anno novo se espalha contente pelos corpos jovens e a areia bufa de vaidade, pensando que foi della que brotaram todas essas adolescencias bonitas.

O lindo restaurante inaugurado

Um dos passeios mais bonitos do Rio

O Rio, a cidade maravilha a cidade encantada, dia a dia, revela aos olhos dos turistas e ao bom gosto dos cariocas, novos recantos onde a vida parece se deliciar com o incomparavel espectaculo da natureza. Ha pouco, a estrada do Joá foi embellezada. Estrada de onde se descortina o Rio, a cidade fada, estrada para as excursões das pessoas de bom gosto. Pois foi no fim desta estrada, perto da pedra grande da Gavea, em cima do mar e bem perto de um céo lindamente azul, que o notavel emprehendedor Fernando Nabuco de Abreu construiu um magestoso predio de estylo colonial para funccionamento de um restaurante e bar de luxo, inaugurados a 3 deste mez.

O local escolhido é, sem favor, o mais bello da cidade, o mais fascinador para os amantes das bellezas incomparaveis do mar, do céo, das silhuetas verde-azuladas das montanhas do Rio. E o estabelecimento commercial é, sem duvida, um requinte de bom gosto, um sitio de elegancia, um verdadeiro Retiro do Joá.

Na manhã do dia 3 deste mez Nabuco de Abreu offereceu á imprensa uma taça de champagne no seu Retiro do Joá, que d'oravante vae ser o retiro dos "trezentos de Gedeão" que sabem encontrar felicidade nas reuniões de elegancia. E foram essas pessoas, primores da alta sociedade, que compareceram, á noite do dia 3 deste mez, á inauguração do Retiro do Joá, cujo proprietario deu mostras de requintado bom gosto entregando á cidade tão luxuoso estabelecimento.

No jantar de inauguração do Retiro do Joá foi servido o seguinte "menú": — Crême Argentenille — Suprême de Sole Cardinelle — Tournedos Rouquetiére — Dindonneau Brésilienne — Salade Lorette — Pêche Melba — Fruits — Café.

Nas mesas elegantes do luxuoso estabelecimento inaugurado brilhavam a graça e a distincção das senhoras Nabuco de Abreu, pae e filho, Aurea Rocha Miranda, Cesar Proença, Mariano Procopio, Monteiro de Barros, Prado Junior, Burlamaqui. Srs. Carlos Guinle, Burlamaqui, Porto Carrero, Lima Esquerdo, Barão de Saavedra, Mario de Oliveira, Henrique Liberal, Franklin Sampaio, Joaquim Proença, Castro Maya e outros.

No distincto ambiente social avultou a nota chic de varias senhoras e cavalheiros estarem fumando os deliciosos cigarros Monroe.

Uma orchestra de acatados professores tocou durante as horas da brilhante festa de inauguração do Retiro do Joá.

Trecho da estrada de Joá

Foot Ball Sul Americano

O seleccionado da A. M. E. A. Em cima, á esquerda, o arqueiro argentino Trejo e o nosso arqueiro Jaguaré. O team do Tucuman. Em baixo, Fortes e os chefes do team argentino.

Cariocas 3 Argentinos 2

Uma defeza de Jaguaré

Republica de Cuba

No centro da pagina o illustre general Gerardo Machado y Morales, Chefe do Governo Cubano, um dos estadistas que honram a America pelo seu patriotismo que envolve na mesma admiração cordialissima todos os povos deste continente, todas as patrias desta grande patria que é a juventude do mundo.

Em cima, esquerda: Palacio Presidencial em Havana. Direita: Monumento a José Marti, o Capitolio de Cuba, o Theatro Nacional. Em seguida: Passeio de Marti e Praça da Fraternidade Americana em Havana.

Em baixo: o senhor Ministro J. A. Barnet, representante de Cuba no Brasil, figura da elite social e intellectual do seu paiz e agóra um dos mais admirados e estimados diplomatas que o Rio de Janeiro tem o prazer de hospedar. Devemos ao senhor Ministro J. A. Barnet as photographias aqui publicadas. Gratissimos á Sua Excellencia, todos os que trabalham em "Para todos..." retribuem os votos de felicidade e prosperidade em 1930.

À Nova Peça de Bernard Shaw é um aviso á Inglaterra

Com a presença do Presidente da Republica, autoridades e diante de uma sala repleta, foi levada no Theatro Polski, a nova peça de Bernard Shaw de que Varsovia, antes de Londres e de qualquer outra capital europeia teve a primazia.

Varsovia tornou-se, nessa noite, um verdadeiro alvo em materia de arte dramatica. Para Varsovia, nessa noite, dirigia-se a curiosidade dos numerosos admiradores do Sr. Shaw que indagavam, com surpresa, si o Sr. Shaw ia ficar menos inglez do que nunca, pois a estréa de sua peça — e que peça — elle a offerecia ao publico polaco.

Antes de tudo, duas palavras para explicar como a coisa se deu. E' muito simples. O Sr. Shaw, como sabem todos, tem um traductor de suas peças em cada paiz da Europa. Um destes é um polaco, o Sr. Florian Sobieniowski. Ora, o Sr. Sobieniowski tem a enorme vantagem de ser o unico dos traductores de Shaw, que mora em Londres e que desde 1913, data da primeira representação de "Pygmalion", está em relações constantes com o illustre autor de "Sainte Jeanne". O Sr. Sobieniowski foi um dos primeiros a ter conhecimento do manuscripto da ultima peça de Shaw e bastou apenas o pedido do seu traductor para que, depois de um segundo de reflexão, o mestre concordasse em fazer conhecer em primeiro logar a sua ultima obra ao publico de Varsovia, antes do de Londres, onde a peça só será levada em Outubro proximo.

E agora, o que quer dizer exactamente o titulo: "Apple Cart"? Basta consultar um diccionario para verificar que isto significa textualmente a carrocinha de dois varaes do vendedor ambulante de maçãs. A que vêm estas maçãs na comedia politica de Shaw? Si fossem maçãs assadas, vá lá? A explicação não está, porém, na traducção litteral, e sim na expressão tão usada em Londres quando o "Ne bousculez pas le pot de fleurs" em Paris e que é "Dont upset my apple cart", o que significa: Não derrubem o meu carro que as maçãs ficarão todas espalhadas no chão! Ora, como sem duvida já o perceberam, o que derruba a carrocinha, sacudindo mesmo com bastante força o carro do Estado... é o proprio Sr. Shaw.

* * *

A peça antecipa o futuro — 1960 — o que dá ensejo ao brilhante ironista de fazer deducções, audaciosas, é verdade, mas penetrantes a respeito das peripecias incessantes da luta travada entre o parlamentarismo e o poder executivo. De todas as nações foi a Inglaterra a unica que conservou o seu monarcha. Mas o rei Magnus não é absolutamente um rei Pausole.

BERNARD SHAW

Num acto que dura exactamente uma hora e vinte, o rei Magnus defende-se contra os ataques de seus ministros, que lhe querem impôr o seu ultimatum. Os seus dois pontos essenciaes são que o rei nunca fará allusão ao direito de veto e que renunciará para sempre a pronunciar discursos, habito que os ministros não querem tolerar. Ora, em Magnus os ministros encontram um dialectico, conhecedor profundo dos artificios da eloquencia, presentindo de longe a menor armadilha, um verdadeiro prestidigitador, numa palavra, Bernard Shaw em pessoa. E, durante esse acto, ondo apenas se conserva, Shaw apara os golpes com a arte consumada de um mestre do florete, espeta aqui e ali com elegancia, com um sorriso amavel e no fim estende a mão ao vencido para um bom "shake-hands" britannico. Porque, afinal de contas, são os ministros que cedem diante da ameaça do rei Magnus de abdicar em favor de seu filho, reservando-se apenas o modesto direito de candidato a deputado.

O segundo acto que parece mais um intermedio, passa-se no "boudoir" de "Oryntie", a favorita do rei. Assistimos ahi a um dialogo de uma finura extraordinaria em que dois entes se sentem presos pelas suas mutuas asperezas, defendendo-se, ao mesmo tempo, da atracção que sentem um pelo outro.

* * *

Coisa curiosa, nunca, talvez, Shaw se mostrou tão profundamente inglez como nesta ultima peça. A phrase final é um aviso: "delenda Britannica". Sim, na opinião de Shaw, o que ameaça a Inglaterra é ser absorvida pelos Estados Unidos, o filho prodigo que voltará á casa de seu pae, riquissimo, porém, de innumeros milhões e de energias brutaes que escravisarão Albion. E assim, sem o menor movimento de emoção, sem a menor nuança de sentimento, apenas com a sua ironia sagaz, profunda, essencialmente intellectual, mas tão intelligente, Shaw conseguiu levar o publico varsoviano ao auge da admiração.

E' verdade que essa admiração era provocada tanto pelo autor como pelos actores. O Sr. Shaw que devia vir a Varsovia assistir á primeira, não poude á ultima hora realizar sua intenção; deve lamentar bastante não ter visto com seus proprios olhos com que arte extraordinaria foram interpretadas todas as suas intenções.

O papel de Magnus, esmagador pela sua responsabilidade, tornou-se, graças ao Sr. Junosza Stepowski a mais fina, a mais attrahente das palestras. Teve tanta leveza na ironia, uma desinvoltura tão soberana que o publico o interrompeu diversas vezes com applausos. A Sra. Przybulko Potocka, com sua natureza fremente de artista, foi captivante no seu papel de mulher excepcional, cujos dons intellectuaes devem ultrapassar, na concepção do autor, a maravilhosa belleza. Citemos ainda a Sra. Sulima, de uma bella e sobria distincção no papel da rainha e... todo o gabinete de ministros, entre os quaes duas mulheres, as Sras. Modzelewska e Kunina.

O Sr. Borowski montou a peça com muito esméro e uma comprehensão subtil das minimas nuanças do texto como é o seu costume. Bellos scenarios do Sr. Frycz, principalmente o do 3° acto que foi muito apreciado.

LUCIEN ROQUIGNY

E' o theatro um espelho ou uma tribuna?

AS BÔAS PEÇAS SOBREVIVEM, PORQUE SUBSTITUEM UMA CONCEPÇÃO COMMUM POR OUTRA MAIS ELEVADA DA MORAL

TODA a discussão a respeito da "decadencia do drama", da "decadencia do nosso theatro", da "immoralidade das nossas peças"; todos os protestos dos Srs. Cadman-Wise-Pollock-Straton; todos os discursos dos Srs. E. H. Sothern, Clayton Hamilton, Otis Skinner e Walter Hampden para a moralização do Drama, para a purificação do Theatro, para a preservação do Ideal — todos esses discursos ao publico, em geral sinceros, tudo isso se resume nesta pergunta:

QUAL O FIM DO THEATRO, MORAL OU ARTISTICO?

Em primeiro logar, elle não póde ter um fim moral e artistico, porquanto a moralidade póde ser um incidente numa obra de arte, não é necessaria e quasi sempre está em contradicção directa com ella.

Por outro lado, uma peça ou um livro escriptos unicamente com um fim moral, raras vezes, ou mesmo nunca, têm valor artistico. Neste segundo caso, se uma peça ou um livro passam á posteridade, é porque as suas qualidades artisticas dominaram o **"fim moral"** com que fôra escripto.

Os que advogam a causa das peças **moraes, bôas** e **limpas**, empregam, sem duvida, as palavras **moral** e **bôa** na sua accepção commum, — uma peça que torna o povo **melhor**, mais **puro**.

Peças moraes são aquellas que seguem os preceitos do Codigo Christão commum, os Dez Mandamentos, especialmente o Setimo; que ensinam que um homem **bom** e uma mulher **bôa** são superiores a um homem **máo** e a uma mulher **má** (**bom** aqui significa o que se conforma de modo estricto ás convenções e **máo**, o que se revolta contra essas mesmas convenções e que ensinam humildade, obediencia e respeito a que quer que seja mandado.

Muitas dessas convenções moraes não têm mais razão de ser; que os proprios autores e os empresarios dessas peças e até o publico que as vê, nem sempre crêem nellas ou as pratiquem, não faz a menor differença para essas pessôas pouco razoaveis, que se batem por essa bondade e pureza extremas, que raras vezes se vêem na vida.

Esses censores publicos olham com desconfiança toda peça que contenha uma idéa nova ou tenha uma factura differente; deviam ser representadas sómente as que seguem a convenção, parecem dizer. Obediencia, Arte não! dizem os moralistas profissionaes. Esquecem que a propria Arte é a fórma mais alta da obediencia.

A Arte nada tem a vêr com padrões moraes correntes, com as convenções ou com **usos sociaes**. Ella obedece á lei do Ideal e da Belleza.

A peça bôa sobrevive, porque substitue uma concepção commum por outra mais elevada da moral.

A Arte tem tão pouco a vêr com os Dez Mandamentos para propaganda moral como com os Quatorze Pontos de Wilson. Se tem um **fim moral e philosophico**, o seu objectivo é, muitas vezes, o contrario da moral corrente. Ella nos exprobra as nossas hypocrisias; faz a satyra das convenções sexuaes, do patriotismo de encommenda, da moralidade de escola, das leis, do respeito ao estabelecido, dos deuses mortos, da guerra, da estupidez e do modo de falar de todos os dias. Ella ridiculariza a propria Vida.

Todo o verdadeiro e grande autor theatral é um critico da vida.

Se elle prega, é com o que os nossos amigos idealistas chamam **a lingua de Satan.** O Grande Theatro é, muitas vezes, o que George Jean Nathan chama a **Casa de Satan.**

Elle não tem servidão, mas tem o **dom** da Belleza e da Visão Individual e ensina-nos a manejar a Ironia. (Haverá coisa mais elevada?) Elle é sempre um revoltado.

Não póde ter mais respeito pelo censor ou pelos sermões-reclamos do radio e do pulpito do que um Congressista secco tem pela Decima Oitava Emenda quando, está no mar.

E' fóra de duvida que eu falo aqui de producções artisticas de homens de talento, de reconhecido genio e que tomam a sério o seu dom artistico, e não das producções pornographicas dos moinhos de Broadway. Numa palavra, a moralidade convencional é o que eu pareço ser. Arte, é o que eu sou na essencia. Uma peça moral é a que aa mentalidade puritana julga que eu devo ver, e a peça artistica é a que elles quereriam, como se costuma dizer, ver abafar. **Isto é tão logico como um pedido meu á censura para supprimir peças estupidas, porque offendem o meu gosto artistico.**

Peça alguma, estrictamente **moral**, poderá resistir á prova do tempo, porque a humanidade não está disposta a ouvir eternamente lições de moral.

Essas peças não podem sobreviver, porque a humanidade possúe uma curiosidade immensa e inextinguivel por tudo o que é denunciado como **vicio** e como **peccado.** E em particular, não rimos de muitos desses **peccados?**

O Grande Theatro é justamente o que toda a manifestação de Arte deve ser: a libertação, a valvula, a indulgencia publica ou secreta, até certo do que convencionalmente prohibido. Deve ter as qualidades psychicas da Saturnalia. Deve despir-nos — psychicamente, já se vê. Deve mostrar a vida e a natureza humana sob o aspecto da Eternidade, numa visão de Belleza ou de Ironia, ou de ambas, deve ridicularizar, destruir e desthronar as falsas apparencias e illusões ephemeras. Deve exaltar a alma do homem com toda a sua belleza e toda a sua maldade, sem estar presa pela rotina, pelas convenções, sem temer a bengala da Autoridade. (Oh! eu tambem sei pregar, Sr. Censor!). Até as peças de Broadway, que eu condemnei como estrictamente pornographicas e vulgares, estão ajudando, como ás vezes penso, o theatro a se libertar da moral de convenção. O que não presta dessas peças depressa passa; fica apenas o melhor. Ninguem poderá negar que não haja na nossa vida de todos os dias uma certa porcentagem de obscenidade e de vulgaridade. Se é necessario ou normal, não sou bastante psychologo para decidir; mas deve ser levado em conta pela Arte.

O obsceno e o vulgar estão assimilados nas grandes peças, na grande literatura e na grande arte de todos os paizes e de todos os povos. Deve haver uma razão. Devem ser calculados e não supprimidos totalmente. O povo mais são, mais viril e mais amante da vida, tem a sua corrente vermelha. Refiro-me á Grecia antiga e á França.

No renascimento occasional do obsceno e do vulgar no verdadeiro theatro e na literatura (frequentemente uma expressão legitima), ha naturalmente uma grande corrente que arrasta as impurezas — o obsceno, o vulgar e o impuro ficam illesos da luz creadora. A opinião publica depressa liquida isso.

Mas, se eu tivesse de escolher entre um theatro de Broadway que é, **ás vezes**, obsceno e vulgar e que contém muito pouco espirito e verdadeira arte e um theatro de Broadway que é **sempre** puritano, adocicado e onde fossem distribuidos chocalhos a cada espectaculo, eu teria, sem duvida, escolhido o primeiro. Neste ainda haveria esperança de progresso, mas naquelle só haveria a morte de toda creação artistica.

Por isso, voltemos ao nó da questão: **Tem o theatro um fim moral ou artistico?** Antes de tudo, hão de concordar todos que uma peça deve **interessar** e **divertir** (emprego a palavra **divertir**, tanto na sua significação mais elevada como na vulgar, que é o que nos **faz** rir).

Agora, na vida real, na nossa vida de cada dia, o que mais nos interessa e o que mais nos distrae? Amor, historias engraçadas, espiar a vida alheia, escandalos, tagarellar, tudo o que é sensacional. Em outras palavras, estamos sempre no "qui vive" para apanhar o mundo sem a sua mascara.

E' justamente isso que todos nós — excepto os pregadores profissionaes da moral—escrevemos numa peça ou num livro sob esta ou aquella fórma. Desde Eschylo até O'Neill, do "Satyricon" a "Jude the obscure", o que esperamos do grande artista é que nos mostre as Coisas como Ellas São — ou approximadamente. Somos susceptiveis de nos distrahir e divertir até o ponto que elle quizer, mesmo que a ceremonia não tenha véos e seja tão baixa como "The Front Page" e "Diamond Lil".

O theatro, portanto, não tem objectivo moral, no sentido convencional da palavra.

Tem um grande fim moral, se por isto entendermos a revelação das nossas hypocrisias.

Não ha uma peça **limpa** ou **pura** que tenha feito carreira longa em Broadway, embora tendo ganho o premio do Rev. Sabe Tudo ou o lenço e babador de Valenciana de Saint Sumner, o que não aconteceu, porque enxertaram na peça, aqui e ali, uma "camouflage": uma scena de embriaguez, de gente pouco vestida, um vampiro ou alguma situação de sadismo, de brutalidade, tudo sem colorido, afim de tentar emprestar um pouco de "interesse" mais **"humano"** á desinteressante narrativa de coisas Virtuosas debaixo da Lampada Familiar. Mesmo os nossos puritanos precisam de algo "tão verdadeiro como a vida". **Amor,** crime ou dinheiro (ou os tres) devem constituir o attractivo, a isca. E nem o amor, nem o crime, nem tampouco o dinheiro se preoccupam com a **"moralidade".** A maneira, porém, por que são tratados, é tudo. O objectivo do theatro, portanto, é hoje o mesmo que sempre foi: puramente artistico — mesmo quando o resultado não corresponde ao seu fim. Deve ser, até certo ponto, o "espelho da natureza".

A grande queixa contra o cinema é que as suas producções não são artisticas (technicamente são, muitas vezes, altamente artisticas). Não commovem, porque a censura prohibe que **"mostrem a vida como ella é".** Morrem como a pomba de Parsifal, porque seguem uma moral convencional. O maior inimigo que o theatro tem hoje, na minha opinião, não é propriamente a obscenidade e a vulgaridade que o disvirtuam, e sim a tesoura dos censores profissionaes do radio, que, se pudessem, reduziriam o theatro ao mesmo grão de estupidez que se costuma ver no cinema.

RAUL ROULLIEN
que embarca breve para a Europa, de onde trará para a temporada deste anno os mais recentes successos theatraes de lá.

Benjamin De Casseres
auctor de "Should Drama Critics Be Abolithed?", "Anathema", etc.

DE TUDO PARA TODOS

A luta pela vida é uma impressão que, ao contrario d que muita gente pensa, não appareceu no turbilhão da vida vertiginosa dos nossos dias.

Já Seneca, o joven, em uma de suas cartas a Lucilio, escrevia (Epistola XCVI, 51): "**Vivere,** (mi Lucili) **militare est,** isto é, viver quer dizer combater.

Tambem Plinio, o velho, no prefacio do livro XVIII, da Historia Natural, já havia escripto: **Profecto enim vita vigilia est;** e S. Gerolamo, no tratado **Adversus Pelagianos** (II, 5, col. 747), disse: **Quamdiu enim vivimus in certamine sumus.** Voltaire, no **Mahomet,** (acto 2º sc. 7º) assim affirmava:

— Ma vie est un combat!

Muitos seculos antes de todos esses autores, o livro **Globbe** (cap. VII, v. I) asseverava: **Militia est nominis super terram.**

Essa impressão de luta, que nos dá a vida, é universal e velha.

Os inglezes encontraram para ella a phrase que se lê no titulo da obra fundamental de Darwin, para indicar um dos canons da theoria darwiniana da origem das especies, publicada em 1859: On the origin of species by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle for life.

Talvez esse **struggle** for life tenha sido inspirado na phrase de Malthus (Essay on the principles of population 1798: **struggle for existence.**

Seja com fôr, a idéa, como ficou dito, é muito velha e todos a sentem...

A Torre de Babel, a acreditar no que diz a Biblia, foi a torre que os filhos de Noé quizeram construir para alcançar o céo...

Baldados esforços, louca pretenção, tola ingenuidade, que Deus annullou, estabelecendo dentro della uma confusão tal de linguas, que ninguem se entendia...

Babel, ou melhor Bab-el, ou ainda Bab-Ilou, significa a porta do deus Ilou.

Procurou-se identificar a torre de Babel entre varias ruinas ao norte da Babylonia e entre as de Borsippa, ao sul de Hillah; mas, apesar de ser a mais reconhecivel a origem da lenda, nada foi encontrado que confirmasse as conjecturas do livro sagrado. A torre de Babel, portanto, nunca passou de uma lenda...

—

A pedra philosophal era a pedra miraculosa que, na opinião dos Alchimistas, deveria operar a transmutação dos metaes em ouro...

Assim se pensava na época dos alchimistas! Os seculos passaram-se, e, chegamos até nossos dias sempre a esperar pelo milagre, que não vem.

Não vem, nem virá nunca...

UM ESTUPENDO SALTO DUPLO

CAROLINA

POR NELSON RODRIGUES

Maria Carolina: — Foi você a minha salvadora. Aquella risada que desabrochou na sua bocca uma rosa de luz fez o milagre da minha resurreição. Eu estava perdido. Sentia que uma fatalidade invencivel me attrahia para a morte. Faltavam-me forças para resistir a esse destino cruel, que fechava para os meus olhos todas as bellezas e todas as glorias da vida. Procurei, muito tempo, desesperadamente, um soccorro. Mas, ninguem ouvia os meus brados afflictos, os meus appellos, os meus clamores. As portas mais generosas e brancas cerravam-se, ficavam mudas e frias deante da minha angustia, como se eu fosse um condemnado indigno de asylo.

O tédio, esse veneno lento e fatal como um cancro, destróe todas as alegrias de viver, exgottava-me os recursos de defeza, cessava as resistencias que eu podia oppôr a esse desejo de morrer que, a principio, se insinuava, obscuro, vago, indistincto, para depois se accentuar, forte, imperioso, ineluctavel. Mãos invisiveis me estrangulavam. E eu, no horror dessa situação, estava convicto de que um poder extranho e irresistivel, me condemnara ao desapparecimento e á morte. Mas, não me atrevia ao suicidio. Estava tão fraco, covarde, incapaz que a idéa de um golpe decisivo, de um acto extremo me enchia de pavor.

Embora o suicidio fosse o unico remedio para a minha vida desgraçada, para os meus dias nocturnos, sem estrellas e sem lua, para as trévas sinistras nas quaes eu me debatia, nem assim me vinha coragem para o gesto redemptor. Decidi-me a esperar que Deus me fulminasse com um raio. Eu não podia precipitar a minha morte. Vinha-me, para aggravar a meu mêdo e a minha indecisão, a certeza de que se matasse commetteria um assassinio. E no limiar da morte, assaltava-me uma covardia immensa: era o terror que nos suggerem os mysterios eternos, os horizontes desconhecidos, as incertezas do além.

Noites e noites eu passava accordado, numa insomnia horrivel, cheia de tragediz numa angustia sem nome que peorava deante dos personagens dos meus delirios, das visões horrorozas que faziam, da parêde branca do meu quarto, uma téla de cinema, por onde passava um "film" de miseria, de crime e de vicio. Eu estava emfim, descoberto para todos os phantasmas inexoraveis, para todos os demonios de minha tristeza incuravel. A luz faltava-me; a luz não desabrochava mais, aos meus olhos, no horizonte ensanguentado. O sol, como uma lampada precaria, sugeita a um certo prazo de fulgor, apagara-se... A minha vida era uma noite sem fim. Essa noite não tinha alvorada. E a noite só é bôa porque nos dá a esperança da manhã libertadora! Mas, a noite sinistra, em cujas trevas irremediaveis eu me debatia, ansiando as horas de luz, não tinha a alvorada triumphante, a aurora apotheotica, que desabrocham como uma grande rosa de fogo. E os meus olhos afflictos interrogavam os céos de lôdo, á procura de uma estrella. Eu então, era um maldito. Quando eu cheirava uma rosa, ella morria.

As rosas têm uma alma; o espirito das mulheres brancas e formosas, das virgens translucidas, que morreram, está dentro das rosas. As rosas amam como nenhuma mulher amou. As mulheres se dedicam a um só homem. Mas, as flores não. Ellas amam todos os homens, porque sentem prazer no amor e não em determinado homem. Os homens feios, ridiculos, que nunca apaixonaram ninguem, gozam o seu momento de triumpho, têm essa sensação de orgulho que é a sensação da conquista, quando cheiram uma flôr.

Jamais uma rosa negou o seu perfume a um homem, porque esse homem fosse feio. Ellas querem a todos e a todos fazem a caricia sabia e prolongada de seu halito; o seu perfume, como uma bocca genial, experimenta os labios do homem feio. Elle fica maravilhado, sem comprehender que esse perfume prodigioso é a alma duma mulher que flutúa sobre a bocca de uma rosa. Elle não vê, na sua ignorancia, que a alma dessa mulher, depois de animar, espiritualizar o marmore de um corpo, se transportou para uma flôr e animou, coloriu, musicou suas petalas geladas.

Quando a gente beija uma rosa, sente como que uma bocca quente, soffrega de mulher, a collar-se em nossos labios, num beijo prolongado e absorvente. Maria Carolina: eu me vingo da sua superioridade beijando uma flôr. Tenho assim a illusão de ter beijado sua bocca. Perdôe-me esse desforço infantil de amante sem amante.

Mas, naquelle momento de trevas, naquella noite sem alvorada, eu não podia beijar uma rosa, porque ella morria. Até para o homem feio, detestavel, que nunca apaixonou uma criadinha, a flôr tinha o seu perfume, os mil dedos acariciantes de seu halito. Para todos, sem distinções, ella exhibia a sua bocca sonora aberta em petalas... Mas, para mim fechava-se.

Pouco tempo depois, uma violêta foi a minha redemptora. Se a rosa fechava para mim as suas petalas de sol, a violêta, mais humana e generosa, teve para o maldito o seu perfume melancolico e a sua ternura triste. A minha gratidão para com essa flôr foi infinita. Ella me amava. E eu a beijei com uma devoção enternecida...

A magua secreta da violêta, a sua dôr humilde, a sua lagrima azul, commoveram-me profundamente. Eu vi, na violêta, a mulher anonyma e sentimental, que vivia no suburbio á espera de um principe encantado que viesse desposal-a. Mas, esse principe não veio e uma tysica a levou, depois de ensanguentar os alvos lençóes de seu leito de virgem.

Essa libertação com que a violêta melancolica me abrira uma sahida naquella noite sinistra, onde eu estava encarcerado, foi de curta duração. Uma orchidea, essa flôr crepuscular, envenenou-me a alegria de viver.

Eu estava perdido. A orchidea mergulhava a minha alma num crepusculo roxo. Vinha-me uma dôce attracção para a morte; aquella hora roxa matava-me aos poucos, suavemente. Eu olhavava o poente e via uma floração incessante de orchideas.

Não chegava mais aos meus ouvidos atrophiados a musica dessa idade de luz, desse momento sónoro, de uma alegria barbara. O "jazz" com os seus ruidos desconcertantes, o seu rytmo vertiginoso, as suas gargalhadas estridentes, as suas allegorias espantosas de sons, as imagens sensuaes e aphrodisiacas de suas notas — o *jazz* com a sua musica brutal, carnal, primitiva, allucinante não vinha pertubar o silencio suave de minha solidão, não vinha sonorizar as horas extaticas, paradas de minha vida. Eu tinha perdido a faculdade de ouvir os sons da vida do mundo. Até a mim não chegava o ruido ensurdecedor da vida urbana.

Eu só ouvia os violinos do crepusculo, a musica longinqua, tenue, diaphana da sombra.

Foi quando você appareceu, minha milagrosa salvadora, minha bella adorada Carolina. Nunca mais me esqueci de você. E ainda hoje vejo a grande rosa de luz que desabrochou na sua bocca, quando você riu. Não lhe posso dizer, meu sol e minha vida, a minha alegria, a sensação de liberdade que me invadiu, o sentimento de victoria que me exaltou, e a idéa sonóra e magica que fez do mundo, aos meus olhos, um theatro colossal de primaveras. Sobretudo era a resurreição. Senti o orgulho de viver. Tive a gloria do operario de belleza. Gozei o jubilo intraduzivel do trabalhador fecundo. E me animei, porque as minhas faculdades creadoras se renovavam. Você continuava rindo, Carolina. E a minha felicidade não tinha limites. Era, emfim, a manhã esperada, o horizonte abrindo-se numa bocca de fogo, a aurora irrompendo de uma cratéra de ouro. Eu cahi em extase. Sentia a vertigem da luz. E o sol, nos infinitos, por entre nuvens de crystal, fazia a sua epopéa de belleza...

Aquelle espectaculo estonteante, dava-me uma visão do mundo, nova, inesperada, genial como uma revelação. Longe me apparecia uma collina sensual, cujas formas tinham a elegancia, a melodia, as voluptuosidades de uns hombros magnificos de madónna. Pouco a pouco, eu sentia dissipar-se a vertigem do sol, côr, som. Dir-se-ia que o mundo era uma officina de maravilhas; e a luz, esse operario magico, ia de recanto em recanto, de valle em valle, de arvore em arvore, retirar a nevoa violacea, que se obstinava em descer uma cortina azul sobre esse scenario portentoso. Só então eu penetrei no mais indecifravel dos mysterios. Só então eu comprehendi a linguagem de symbolos da luz; as parabolas do sol, as suas imagens, as suas figuras, que eu suppunha factos inconscientes. Conheci a grande sabedoria da luz e a significação universal de seu symbolismo. Fiquei maravilhado. A luz me apparecia, emfim, como uma grande poetiza, escutei as estrophes de fogo de sua poesia e vi as mulheres sonóras que despontam, victoriosas, de cada verso seu. Luz: deusa flamejante dos vulcões! Você, Maria Carolina, é a luz. Hoje, depois daquelle dia, ouvindo a sua risada, a mesma que abriu na sua bocca uma grande e milagrosa flôr, eu sinto o desejo muito doce, muito suave, de me ajoelhar aos seus pés e receber, mais uma vez, o sol que sáe de você, manhã de meus dias.

Você sabe, Carolina? a luz é a voz de Deus. E' o seu interprete, a sua linguagem superiormente bella. Bemdicta seja você, Carolina, que me revelou essa palavra incomparavel, que só nós dois ouvimos e entendemos.

Em Petropolis

Edificio e parque do Instituto de Menores Anormaes, fundado pelo Dr. Aroldo Leitão da Cunha e por elle dirigido com o Professor Esposel. Ali as creanças portadoras de deficiencias psychicas e physicas recebem tratamento medico, educação physica e educação moral segundo os methodos mais modernos.

Professor Armenio Borelli

Os amigos de Armenio Borelli vão offerecer-lhe um almoço de alegria pela sua nomeação para professor livre de Clinica Cirurgica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Essa nomeação elle a obteve depois da defeza que fez perante a congregação da Escola, da These: "Das suppurações pulmonares" e das provas marcadas por notas distinctissimas. Armenio Borelli, depois de um curso notavel, com um premio no final, dedicou-se á cirurgia, sendo chefe interino da 3ª Enfermaria da Santa Casa da Misericordia, autor de operações felicissimas. E' um retrahido, um desdenhoso da publicidade. Todos que o admiram e lhe querem bem agóra querem arrancar Armenio Borelli do avental e das luvas e gritar bem alto:
— Aqui está um grande medico brasileiro, um dos maiores cirurgiões da nossa terra!

Na festa de encerramento de aulas do Externato Avenida Angelica, dirigido por Dona Lida Kanietsky, em S. Paulo

Da terra da garôa

Ha tres dias no anno que ao chegarem me enchem invariavelmente de emoção: vespera de Natal, vespera de Anno Bom, e vespera de Paschôa. Até hoje não se passou um só desses dias sem que eu não sentisse as mesmas alegrias, as mesmas melancolias e as mesmas saudades que eu já sentia nos primeiros annos da minha juventude, quando a vida, me parecia boa porque me offerecia um futuro cheio de alegrias. Coisa curiosa, essa, de haver eu conservado, atravez os tempos e depois de tantas desilusões, essa agradavel maneira de receber esses dias tão lindos do anno! Tudo em mim, ou quasi tudo, soffreu uma grande transformação. Infelizmente, já não penso como pensava outr'ora e já não vivo como nos bons tempos da minha meninice, confiante na protecção do destino. Hoje, as inquietudes e as incertezas atormentam-me a existencia. Estou em meio do caminho da vida e receio proseguir.

Convenci-me de que devia fazer alto e tenho de facto a impressão de estar marcando passo... Mas o tempo, insensivel ás minhas duvidas e ás minhas hesitações, corre... Como elle corre! E é agora, moço ainda, que me sinto envelhecer. A realidade! Olho para traz com saudade e com remorso... Com saudade dos tempos em que eu vivia confiante, achando que os males e as penas não me haveriam jámais de ferir, na ingenua crença de que Deus me marcava com a sua preferencia, abençoando aos meus e a mim. Com remorso de não ter sabido aproveitar melhor o tempo que passou e os elementos de que dispunha para attingir a gloria e ganhar a fama... Talvez já seja um pouco tarde.

Nesses dias a que me refiro, porém, parece-me que não soffri modificação alguma. Chego a acreditar que as amarguras não deixaram na minha alma o mais leve signal de sua passagem. Sinto-me bom e capaz de praticar o bem. As mesmas esperanças de antigamente agitam-se-me no espirito. Vespera de Natal! Vespera de anno bom! A' tarde, quando todos se preparam para as festas e para as deliciosas reuniões em familia, á tarde, á hora em que, nas ruas, se cruzam os homens, as mulheres e as creanças, constituindo uma multidão enternecida pelo prestigio das tradições e das lendas, multidão que invade as lojas em busca de motivos com que proporcionar alegrias e prazeres pessoaes e collectivos porque o menino Deus nasceu ou porque o Anno Velho se foi e o Anno Novo surge, pequenino e maroto, a prometter mil coisas, — a essa hora renasce em mim a Fé, a Fé confortadora que traz a tranquillidade, que mata a ambição, que dá resignação e paz. Influencia, talvez, de uma educação catholica? Possivelmente!

Ha, porém, um factor, que, esse eu sei, influe em mim para adoçar meus sentimentos nessas datas christãs: a alegria das creanças! A petizada afflicta pela chegada do "Pae Noel", o chinellinho collocado por fóra da porta por mãos de anjos, esse capitulo que se torna a preoccupação maior da creançada e o problema, ás vezes tão difficil, das mamãs pobres; o enervamento da guryzada ao deitar-se na ansia do dia seguinte; o enthusiasmo e a segurança da pequenada detendo-se electrizada, embasbacada, deante das vitrinas tentadoras das casas de brinquedo! Aquelle cavallinho de páo com rodas! Os soldadinhos de chumbo! Os canhões! O navio a corda! A caixinha de musica! Aquella Arca de Noé! As gaitas! As cornetas! Um tambor! Que linda bola, aquella! E aquelle castello! O primeiro que se ambiciona e que nem sempre se chega a possuir...

E os garotos voltam á casa e sonham quando dormem. Eu, confesso, sonho acordado... Como é bom sonhar com os olhos abertos! Ah! Se eu fosse rico... Se eu fosse o "rei do café", por exemplo, ou fosse o "rei do algodão", se eu fosse, emfim, um rei qualquer! Na vespera de Natal, acompanhado do meu sequito, seguido de carruagens e mais carruagens, compraria todos os brinquedos da cidade para distribuir entre os pobrezitos que não recebem a visita de "Pae Noel", a primeira desillusão da humanidade...

SALVADOR ROBERTO

Bachareis de 1929 da Faculdade de Direito de São Paulo

Noite de Natal

(Palavras que colloquei na bocca de meu filho)

Se eu tivesse uma porção de dinheiro
Comprava tudinho de brinquedo
E no dia de Natal, de manhã cedo,
Ia levar áquelles meninos
Pequeninos
Que moram lá no morro.

Papae Noel — coitado —
Está velhinho
E fica cansado
De subir a ladeira!...

E amanhã, de manhã cedo,
Na hora de acordar,
O filho da Maria Lavadeira
Não vae encontrar
Nem um brinquedo!...

Mas não faz mal!...
Quando eu fôr grande
Vou ser engenheiro
E papae disse que engenheiro
Ganha muito dinheiro...

No dia de Natal,
De manhã cedo,
Vou levar para os meninos
Pequeninos
Lá do morro, muito brinquedo
— igual ao meu, igual ao teu —
E digo — de mentira —
Que foi Papae Noel que deu...

Reveillon no São Paulo Tennis e Chá dos Bachareis no Club Comme

Professor Andrea Torre

Recordando amigos do Brasil

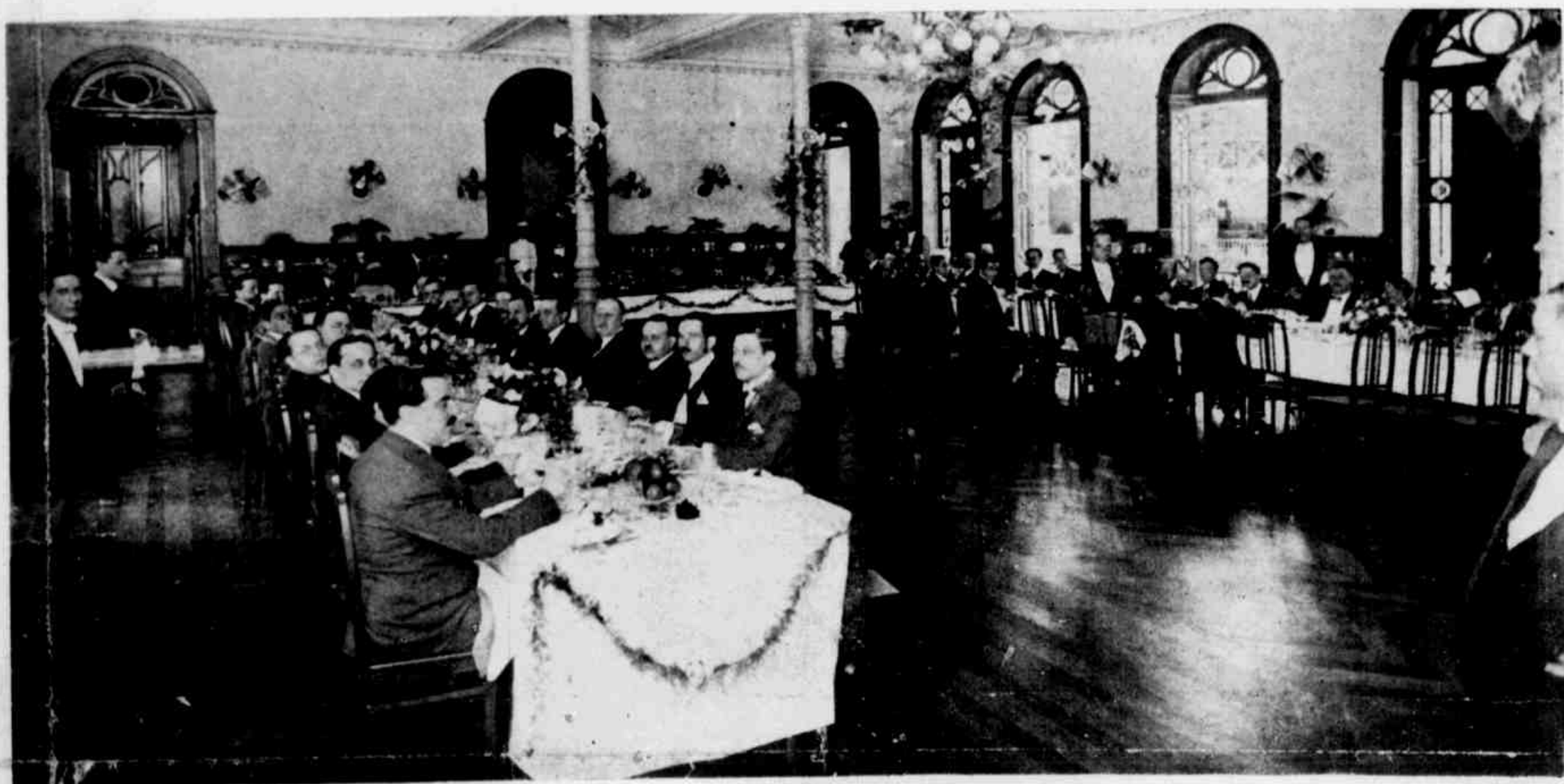
O Prof. Andrea Torre, uma das grandes figuras da actualidade italiana, jornalista, advogado, sociologo, antigo Presidente da Associação Italiana de Imprensa, ex-Ministro da Instrucção Publica, actualmente Senador do Reino, esteve no Brasil por diversas vezes, e ainda recentemente por occasião da Conferencia inter-Parlamentar do Commercio. A photographia acima devemos á gentileza do Sr. LUIGI SEGRETO, irmão dos saudosos PASCHOAL e CAETANO SEGRETO, recem-chegado da Italia. O Sr. LUIGI SEGRETO é um antigo amigo do Senador Andrea Torre, seu collaborador em renhidas lutas eleitoraes, de uma das quaes surgiu mysterioso processo organizado como vingança politica contra o Sr. LUIGI SEGRETO. Agora ha um grande interesse pela revisão desse processo. O Prof. Andrea Torre poz na photographia esta dedicatoria: "A LUIGI SEGRETO — **mio antico fedele elettore — com l'augurio fervido che egli possa far luce completa sul suo caso".**

Sr. Luigi Segreto quando era chefe eleitoral em Salerno.

Sr. Luigi Segreto, actualmente no Rio de Janeiro.

Banquete offerecido ao Prof. Andrea Torre nos luxuosos salões do High-Life Club, de propriedade da Empresa Paschoal Segreto, com a presença do Ministro Mercatelli, do Principe e Princeza Alliata, jornalistas e altas personalidades brasileiras e numerosas figuras de relevo da Colonia Italiana.

JACQUES III
por Belle

JACQUES III e seus filhos

E sem exemplo na historia a fatalidade que durante tres seculos perseguiu a casa dos Stuart, cuja nobre raça extinguiu-se no exilio e na proscripção, após ter dado uma soberana á Escocia e seis reis á Inglaterra.

Tudo é tragico nos infortunios e nas desgraças dessa dynastia que parecia a campeadora da independencia e da liberdade.

Jacques I foi assassinado com sua mulher pelos seus subditos, Jacques II morto quando defendia a patria contra os inglezes, Jacques III massacrado pelo povo, Maria Stuart pereceu no cadafalso, Carlos I, seu neto, decapitado, por fim, Jacques XII da Escocia (e II da Inglaterra) foi banido dos seus tres reinos por Guilherme d'Orange, que veiu da Hollanda á frente de 15 mil soldados, a chamado do partido que se revoltára contra elle (1689).

Com o auxilio do duque de Lauzun, graças á sua habilidade, nessa circumstancia conseguiu voltar á côrte em bôas pazes e obter o titulo de duque hereditario, refugiou-se em França, com sua segunda mulher, filha do duque de Modene e seu filho, o principe de Galles, e abrigou-se sob a protecção de Luiz XIV que, recebendo a princeza em Versailles, lhe disse: "Presto-lhe, senhora, bem triste serviço; espero, porém, prestar-lhe maiores e mais felizes".

Essa promessa não deveria realizar-se.

Não obstante seus esforços, Jacques II e seus filhos nunca mais subiram ao throno da Inglaterra.

Pouco antes desses acontecimentos, em 10 de Julho de 1688, nasceu Jacques-Eduardo-Francisco.

Esse nascimento inesperado, ao fim de seis annos de consorcio esteril, commoveu a Inglaterra, fazendo acreditar na intervenção divina. Uns attribuiam o milagre á Nossa Senhora de Loretto, outros a São Francisco Xavier ou a São Vinifred, após uma peregrinação do rei.

O nascimento do delfin, quando Luiz XIII se desesperava pensando não ter mais um herdeiro, foi explicado dessa mesma maneira.

E, emquanto que, como bom cortezão, lord Melford affirmava que um anjo descera em pessôa para agitar as aguas de Bath, como outr'ora aquellas de Bethsaïde, Dryden, o poeta laureado da côrte, celebrou o nascimento do joven principe em pomposas estrophes, que fizeram um impertinente exclamar:

> O Monseigneur, que votre est doux;
> Non d'être né pour gouverner la France,
> Mais de ne pas avoir la moidre connaissance
> Des mauvais vers que nous avons forgés pour [vous

Os partidarios do throno regosijavam-se naturalmente arrebatados de alegria; emquanto os outros affirmavam que a creança fôra introduzida por fraude em uma piscina no palacio São Jayme.

Guilherme d'Orange poz fim a essas discussões cinco mezes mais tarde, forçando a familia real a deixar a Inglaterra.

O principe de Galles contava apenas treze annos quando perdeu seu pae.

A despeito dos seus ministros, commovido pelas lagrimas de Maria de Modêna, que prostrou-se aos seus pés, no quarto de Mme. de Maintenon, Luiz XIV, lhe concedeu o titulo de rei da Inglaterra, emquanto que do outro lado do paiz, Guilherme III declarava-o culpado e condemnava-o á morte.

Esse principe, chamado o cavalheiro de São Jorge, e appellidado mais tarde o velho Pretendente, que reinou com o nome de Jacques III, possuia um caracter timido e medroso.

Era nessa occasião de estatura grande de mais para a sua edade, magro e de aspecto melancolico. Seu rosto não recordava nenhum dos Stuart, entretanto possuia bem pronunciados os traços e o ar fatal de toda essa familia. Não se podia duvidar da legitimidade do seu nascimento.

Era bom, docil, porém faltava-lhe energia. Esse defeito havia de ser mais tarde funesto aos seus projectos.

Sobre a sua natural affabilidade, conta-se encantadora anecdota.

Quatorze fieis soldados escocezes vieram para saudar a Saint-Germain, o rei desthronado e vagavam ociosamente, á espera da hora da audiencia, deante das grades do palacio, onde estava parada uma carruagem com as armas da Inglaterra.

Neste momento, uma creança de sete annos, que ia e vinha, apercebendo-os, e reconhecendo-os, fez signal para se approximarem. Avançaram respeitosamente, dobraram os joelhos e, chorando, lhe beijaram as mãos.

Casamento de Jacques III com Clementina de Sobieski.
(Gravura da época)

O joven, levantando-os, encontrou palavras carinhosas para dizer a estes bravos, tão devotados á sua familia, o quanto se orgulhava da sua bravura.

E dando-lhes a sua bolsa, pediu-lhes que bebessem á saude do legitimo rei.

Não nos compete contar aqui as suas infructiferas tentativas para reconquistar os direitos de seu pae, e, como essas tentativas fracassaram na fatal expedição de 1715.

Enganado constantemente pelos acontecimentos e pelos homens, Jacques III acabou por voltar-se para Deus, "do qual depende todos os thronos", e entregou-se á resignação, que é a suprema virtude dos principes, cujo reino não é mais nesse mundo.

Não obstante a opposição do rei Jorge, desposou uma das mais ricas herdeiras da Europa, a filha de João Sobieski, o libertador da Polonia, e teve dois filhos Carlos Eduardo, que foi, mais tarde, chamado o joven pretendente, e cujo nascimento foi noticiado a todos os gabinetes da Europa, comprehendendo aquelle de Saint-James, e Henri-Benedit e que um dia seria cardeal de York.

Vivia calmamente em Roma, esperando a vontade do céo, confiado em uma religião cada vez mais estreita, fechando os ouvidos ás supplicas dos jacobinos sobre qualquer tentativa para a reconquista do throno de seus paes.

Nada mais unido do que essa triste e pequena familia de exilados, cuja affeição contrastava com as perturbações domesticas do palacio Saint-James e do Leicester-House.

Infelizmente morreu cedo a princeza Sobieska, com grande desespero de seu marido e filhos.

Foi para todos um profundo golpe. Não assistiram aos funeraes, porém, das janellas do palacio seguiram o cortejo funebre e, juntos, choraram todo o dia.

O nobre proscripto, occupava-se cada vez mais da educação de seus filhos, ensinando-lhes a equitação, a caça e a ser um bom inglez.

Não os trocaria por todos os thronos do mundo, dizia elle, muitas vezes.

E, se elles, pequenos ainda, não podiam esquecer que eram exilados e que a sua patria era a Inglaterra, Jacques III adormecia em uma beatitude paternal, á sombra do throno pontifical, contente de sua sorte e, mais ao menos, resignado.

Carlos Eduardo, o principe de Galles, veiu felizmente reanimar as esperanças já extinctas dos fieis partidarios dos Stuarts.

Nas suas veias corria o sangue generoso de seu avô Sobieski e desde a mais tenra edade demonstrou uma audacia e coragem que o caracterizam na historia.

Muitas vezes seu pae admirou-lhe as preferencias guerreiras e valorosas e nessas occasiões, melancolico sorriso, animava-lhe o rosto, á lembrança que se elle tivesse esse mesmo caracter, sem duvida teria reinado em seu paiz.

A enfermeira que havia assistido ao nascimento do principe de Galles, tomando-o entre as mãos, mostrou-o aos assistentes, dizendo: "Este será o verdadeiro principe".

Muito cedo seu preceptor, o cavalheiro de Ramsay, discipulo e amigo de Fenelon, e autor das Viagens de Cyrus, lhe ensinou a ter uma entrepidez que chegava quasi á temeridade. Não que elle tenha encontrado o terreno preparado, pois, as pessôas que cuidaram dos seus primeiros annos lhe deixaram contrahir terrores pueris. Temia os relampagos e trovoadas e, logo que começava a tempestade, cobria o rosto com as mãos, dando gritos de medo.

Era, sem duvida, um costume inglez; pois, no Gulliver, que é uma critica aspera aos costumes de seu tempo, Swift pede "que açoutem publicamente ás amas que se divertem em metter medo ás creanças e que até as exilem em caso de reincidencia".

Ou pelo seu exemplo, ou pelos seus mordazes gracejos, Ramsay conseguiu que o seu discipulo esquecesse esses terrores e contemplasse com calma o espectaculo grandioso dos elementos desencadeados.

A belleza do principe de Galles vem a cada instante á penna dos seus biographos: Grandes olhos negros, admiraveis cabellos em cachos, pequenos labios e o rosto de aspecto mais alegre que o de seu pae.

Embora menos favorecido que seu irmão mais moço, era bastante intelligente; adorava o estudo da historia e falava correctamente o inglez, o francez e o italiano; todos os que se lhe approximavam eram unanimes em elogiar a sua precocidade e vivacidade de espirito. Bom musico, tocava o violoncello com arte e, com seu irmão, que cantava agradavelmente as arias italianas dava, cada semana, o melhor concerto de Roma. Era amavel e sabia mostrar, em todas as circumstancias, uma affabilidade particular.

Um dia, des Brosses, entrando em uma das salas do palacio, onde o principe acabava o oitavo concerto de Corelli, desculpou-se de interrompel-o involuntariamente e manifestou o seu pezar por ter chegado no fim da peça.

— Não faz mal; disse CarlosEduardo, e começou de novo o concerto.

Jacques III, homem mal feito, de uma magreza asceptica, sem dignidade, parecia-se com o pae. Jacques II. Vivia muito retirado, e só para distrahir os filhos é que dava recepção no palacio, nas quaes só apparecia um momento; os meninos, ao contrario, dansavam toda a noite e no carnaval, embora a sociedade ingleza, em Roma, não fosse muito escolhida, não faltavam aos bailes, fantasiados de pastor.

Foi no cerco de Gaêta, sobre a direcção do duque de Leria, depois duque de Berwick, que o joven principe de Galles fez seus primeiros ensaios na arte da guerra, mostrando então a coragem de que era dotado.

Mais tarde deveria partir para uma nova expedição, quando a mesma foi transferida, por ter o duque de Berwick adoecido gravemente. Carlos-Eduardo consolou-se dessa pequena decepção, fazendo sport; passava com seu irmão os dias no moinho (o jogo do tennis, que hoje é o divertimento de todos os principes, não havia nesse tempo) e na caça aos corvos. Em 1737, Jacques III mandou seu filho

(Termina no fim do numero)

Lendas do tempo em que a terra era mais perto do céo

(Enid Karunaratné) (1)

HISTORIA DO CÉO

Ha muito tempo, o céo era muito proximo da terra. Tão perto que á noite as estrellas serviam de lampadas aos homens.

Era uma vez, numa pequena aldeia, uma mulher muito grande, maior que as outras mulheres. Seu corpo tocava as nuvens, mesmo quando ella se curvava para varrer o seu jardim, com uma enorme vassoura de "ekél"

Um dia emquanto ella varria, as nuvens importunaram-na mais que de costume. Então, ella espanou-as com a sua vassoura de "ekél", gritando:

— Pâla, pâla! Para longe, para longe!

Logo as nuvens fugiram, e o céo afastou-se para muito longe do alcance dos homens. Veiu a noite, e as estrellas pallidas e remotas não illuminaram mais a terra. Desde então, a noite é escura, e os homens servem-se de mechas de oleo de coco, e as suas lampadas substituem as estrellas que traziam luz aos homens — quando a terra era mais perto do céo.

O collar de perolas rosas mais bonito do mundo

Uma cruz de perolas finas.

O SOL, A LUA E OS ECLIPSES

Era uma vez uma pobre viuva que tinha tres filhos.

Um dia, os tres filhos da viuva foram convidados para um casamento. Partiram, deixando á sua mãe a vigilancia da casa.

Quando voltaram da festa, a velha perguntou-lhes:

— Trouxestes-me alguma cousa para comer?

O primogenito respondeu-lhe com dureza:

— Não lhe trouxe nada.

O segundo atirou-lhe o archote que os havia alumiado a caminho. Mas o caçula pediu á mãe uma escudella onde depositou alguns grãos de arroz. Dez grãos de arroz que elle pudera dissimular em cada unha dos seus dez dedos.

Fez-se o milagre. Os dez grãos de arroz multiplicaram-se e encheram toda a escudella.

A velha agradeceu, abençoando o filho. Emquanto aos outros, lançou-lhes a sua maldição.

O primogenito, que lhe havia falado com rudeza, foi transformado no dragão Rahou; o segundo, que lhe arrojou o archote, tornou-se em sol causticante, e o caçula, que fôra tão complacente, transmudou-se na lua doce e fria.

O dragão Rahou, em furia, está sempre tentando matar seus irmãos, devoral-os com soffreguidão, o que causa os eclipses.

Foi depois que uma mãe amaldiçoou seus filhos que appareceram os eclipses da lua e os eclipses do sol.

GASTÃO PENALVA

(1) — Joven professora cingaleza, que recolheu as lendas de Lanka, nome indiano da ilha de Ceilão.

De Elegancia

— Papá Noél foi muito bom para você?
— Camarada.
— E a passagem do anno?
— Olhe!

Passavam por nós, ali no quarteirão Serrador, Noemia Nunes vestida de branco, genero esporte, saia de crêpe plissado e blusa de crêpe setim com bordados vermelhos. A' cabeça um gorro de quadrados vermelhos brancos e azues. Muito bonita, assim. E tambem bonita a irmã que lhe ia ao lado.

— Os vestidos estão mesmo mais compridos? perguntou-me o amigo que acompanhava com o olhar a bonita figura do Cinema Brasileiro.

— Um pouco... alguns centimetros.
— E gosta disso?

Já haviamos dado a volta e parado em frente ás vitrines de A. Dorét onde havia em artistica profusão productos de belleza e perfumes deste fabricante. Vendo-nos Dorét chega á porta. E eu:

— Muito a proposito, Mr. Dorét. Como é de praxe, clientela elegante na sua casa. Diga-me o que pensa dos vestidos compridos. E tambem o que pensam as suas freguezas.

— Não creio que haja enthusiasmo por tal innovação, nem que a moda pegue.

— Por que?
— Os vestidos curtos ameninam as mulheres...
— ... que já o não são. As suas freguezas...
— As minhas amaveis freguezas andam na moda mas a de agora não será nada estavel.
— Viu alguma que durasse?

Sorriu elle e afastou-se para attender a uma moça de bellos cabellos sedosos, crespos e crescidos até os hombros. Quando voltou perguntei:

— E os cabellos compridos?

— De forma alguma as mulheres admittirão que se lhes tire a commodidade dos cabellos curtos, a facilidade com que os ondulam, com que os tratam, com que os embellezam.

— Mas ha cabellos compridos...

— Não muito curtos — corrigiu Dorét. Nos crespos fica interessante se bem que não os aprecie eu deste modo...

— Meio selvagem?

— Os lisos, á altura dos hombros, são desgraciosos, são — reminiscencia de Pedro Alvares Cabral?

Rimos os tres. Deixámos — os dois — o amavel perfumista e cabelleiro, e seguimos Avenida em demanda dos outros pontos elegantes. A's esquinas, de quando em vez, um grupo conhecido. Homens que palestravam e prestavam attenção ás que passavam. Raphael Pinheiro, á porta do Trianon, muito bem posto, discursava entre artistas. Mais adeante sobraçando uma pasta de couro, apressado, Berilo Neves. Afranio Peixoto, Medeiros e Albuquerque, Humberto de Campos. Na esquina da rua Sete, Eugenia e Alvaro Moreyra, Attilio Milano e Di Cavalcanti. Passamos para o lado da sombra.

— Quanta moça bonita!

Maria Luiza Brandão, de "beige" rosado; a senhora Berbert de Castro, linda num lindo vestido branco marfim; Anna Amelia, de azul; Maria e Elizabeth Pinto, Marina Padua, Car-

men Cinira. Num estampado meudo, musselina finissima, a fina silhueta de Nita Ney. Varámos para Gonçalves Dias. Numa das janellas do cabelleiro A. Fadigas. Gracia Morena, a graça em pessoa e a graça perturbadora de "Barro Humano". na "Leblon" elegantes que esoolhiam vestidos e chapéos. A Colombo apinhada de gente "chic".

— Vamos saber de todas essas moças bonitas o que pensam ellas dos vestidos compridos?

— Menos curtos, creatura. Mas você lembrou-se tarde. "Interviews" assim "acochados", de ultima hora? Porque não os faz você que anda de idéa fixa?

Fixos em nós os olhos de Horacio Cartier. Um aceno amigavel e, em vez do "interview" geral, tão do agrado do meu companheiro de jornada, dou hoje alguma cousa do livro de Horacio Cartier, o melhor presente de Anno Bom á gente que lê e á gente que ama a delicada arte de escrever.

Na "Mulher do Illusionista", o

"ROMANCE DE PRIMAVERA

Foi pela primavera esplendida de um anno
Que não me trouxe uma só flor,
Que a vi passar, serena atravez de aureo plano
De luz diffusa, ao sol se pôr.

Vendo-a tornar-se ao longe uma sombra diluida,
Fiquei scismando, a suspirar
Como eu fôra feliz, sacrificando a vida
Pelo favor de um seu olhar.

Mas não raro se alcança o bem que não se espera!
E sobre o abalo do meu ser
Surprehendeu-me afinal, numa outra primavera,
O seu olhar a me envolver...

Envolto então da luz de fluidez de velludo,
Mal tive tempo de sentir
Como eu fôra feliz, sacrificando tudo
Só para vel-a me sorrir.

Mas quando de outra vez, violado o seu recato,
Os labios frescos me entreabriu,
Desejei como louco o inflammado contacto
Daquella flor que me sorriu.

E na noite de festa, e de estrellas vistosa,
De certo baile á beira mar,
Eu desmaiei sentindo a purpura radiosa
Daquelles labios me queimar!

Tendo os olhos e a bocca, e tendo mais que tudo
Que eu conseguira imaginar,
Não me sinto feliz nem tranquillo com tudo,
E vivo sempre a desejar!"

O livro de Horacio Cartier é todo assim, duma sensibilidade fina e delicadissima emoção.

OS FIGURINOS

Vestidos: o "casamento" do preto e branco.

Chapéos — da Casa Leblon. E — um quarto de verão.

SORCIÈRE

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA
COLLABORADA PELOS MELHORES ESCRIPTORES E ARTISTAS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Um homem e outras preciosidades

(FIM)

Pirraça puramente phisiologica, nada mais.

No cabaré, uma decepção. Mulheres vestidinhas e homens serissimos. Depois, uma senhora cançonetista que berrava em vez de cantar. O mais, melancolia.

Sentou-se na primeira mesa, um pouco contrafeito e soberbamente desapontado.

— Garçon, você tem chôpe ahi?

Não tinha. Uma bagunça.

Veiu, então, uma cerveja, mas quentissima.

A geladeira não dava conta, muita gente, muita sahida de bebidas, muito calor... Isso a explicação do garçon, um sujeito alto com cara de manequim.

Na mesa proxima, uns senhores que gastavam champagne, descobriram que a cançonetista berradeira era uma revelação lyrica. Soprano ligeiro ou contralto, não estavam bem certos. Comtudo, uma revelação.

Achou páo o cabaré, bateu o annel na garrafa, jogou os dez pilos amarrotados em cima da mesa.

— Quanto é?

O garçon riu.

— Tres mil réis.

— He'n ? !

— Tres mil réis.

Achou caro, pagou; sahiu. Um pouco atordoado e seriamente tropego.

Em casa, silencio, insomnia... e a imagem de Norma, muito viva, quasi palpavel.

Olhou, pela janella, a lua parada mesmo em cima do coqueiro. Achou lindo e afundou a cara na maciez do travesseiro. Uns farrapos de pensamentos, um embalar de illusões, depois o somno bom de quem tomou cerveja.

E o tempo foi andando, modificando tudo. Literatura, futebol, homens e mulheres) Mais arte, mais espontaneidade, mais sinceridade e, por isso, mais canalhismo. Hoje, um modo de pensar, de agir, de vêr, de encarar, de sentir as coisas. Amanhã, outro. Eis o encanto da vida.

Mulheres, jogo, alcool, cocaina, todos os vicios entraram na vida delle, de mansinho, sem que fossem a tempo percebidos. Principalmente a cocaina. Quando a tomava... uma vontade doida de correr no calor de uma locomotiva allucinada... Lindo!

O resto, as consequencias, o desvirtuamento de caracter, a perda quasi total de todas as energias physicas e moraes.

E Norma... essa via nelle, agora, o ideal, o homem que tinha uma noção exacta da vida. Mulher...

Uma noite, encontrou-a para dentro do portão, no escuro. Norma, sózinha, mulher, fraca, no escuro do portão ás onze horas da noite.

Parou, ficou olhando encantado. Um cheiro muito bom de jamins... e o corpo della destacado no escuro. A principio, um estremecimento, uma coisa lá dentro, que não sabia explicar, uma coisa fóra na garganta. Depois, uma pergunta á tôa para ter alguma coisa que falar.

— O que você está fazendo ahi sózinha?

Ella não sabia o que estava fazendo. Disse que estava pensando, que gostava de, ás vezes, ficar pensando, sózinha, longe dos outros. Uma mania, pensar na vida...

—Tão ruim a vida, você não acha?

Elle não achava. Onde já se viu achar a vida ruim perto de Norma?

Depois...

Depois, o arrependimento, sempre tardio. Uma loucura, uma grande loucura, lagrimas, noites em claro, uma lastima. Não havia, porém, remedio: o mal estava feito, adeus!

E Norma pensou: um tiro bem dado na cabeça, o descanso, o silencio eterno... Isso, o primeiro pensamento, o primeiro projecto.

Mas não houve tiros, nem silencio eterno. Houve apenas escandalo. Um escandalo e mais uma cançonetista para o cabaré. Afinal, a vida.

JUAREZ FELICISSIMO.

Na Escola de Bellas Artes, quando foi entregue o "Premio Illustração Brasileira" ao pintor Vicente Leite, que o ganhou pela segunda vez.

SUA CUTIS SE HA EMMURCHECIDO ?

Ha mulheres que pensam que sómente aos dezesete annos é que pódem exhibir uma cutis perfeita. Estão equivocadas. Muito tempo depois dos quarenta, toda a dama póde ostentar, se o quizer, uma cutis tão formosa como a de uma joven de vinte annos. O que occorre é que á medida que passam os annos a cuticula envelhecida exterior vae cada vez mais se adherindo á pelle; é preciso fazel-a cahir d'ahi. Isto se logra facilmente applicando á cutis, todas as noites, **Cêra Mercolized.** Esta substancia se encontra em toda pharmacia. Não deve ser olvidado que toda mulher possue debaixo da sua envelhecida cutis uma nova e formosa, que está á espera de ser trazida á superficie. E nisto consiste o segredo do "porque" nunca envelhecem as actrizes e "estrellas" do cinema. Por que não faz tambem a prova ?

O ATTRACTIVO DOS CABELLOS ABUNDANTES

A belleza do cabello contribue poderosamente para o magnetismo pessoal das senhoras como dos homens. Tanto as actrizes como as senhoras da sociedade elegante estão sempre em busca de qualquer producto inoffensivo que augmente a natural formosura de sua cabelleira. O remedio novissimo é usar stallax puro como shampoo por causa do brilhantismo, da suavidade e da ondulação que elle produz no pello. Como o stallax não foi usado nunca, até agora, para este effeito, só o recebem os droguistas em pacotes com sello original, contendo cada um quantidade sufficiente para vinte e cinco a trinta lavagens de cabeça. Uma colherinha das de café cheia dos perfumosos grãos de stallax dissolvido numa chicara dagua quente, é mais que bastante para cada shampoo. Beneficia e estimula grandemente o cabello, além do effeito embellezador que nelle produz.

Jacques III e seus filhos

(FIM)

fazer uma viagem ás principaes cidades da Italia com o nome de Conde de Albano, nome que mais tarde deveria usar.

Foi admiravelmente bem acolhido por toda a parte: em Boulogne, em Parme, em Reggio, em Genova. Realizaram-se grandes festas em sua honra. Adivinharam sua belleza varonil, sua precoce prudencia, e sua ardente audacia fez sensação. Mostrava-se de uma dignidade real, e desvanecido por tantas attenções esqueceu seu paé que o censura docemente, escrevendo-lhe: "Não se esqueça que te quero mais do que a mim mesmo". Veneza o recebeu como a um soberano. Sabendo que o tinham feito assentar-se sobre um throno na Camara do Conselho. A Inglaterra alarma-se com terror, a creança havia crescido, e a espada que o pae deixara na bainha parecia queimar entre as suas mãos.

De Londres enviaram ao ministro ordem de fazel-o partir immediatamente, e em Florença o ministro inglez prohibiu as manifestações de agrado.

Na sua volta foi-lhe retirado todos os seus papelotes, os seus bellos cabellos louros foram cortados e foi-lhe concedida a honra de usar peruca, pois que já era um homem...

Elle queixava-se da sua sociedade e tinha saudades de seu paiz.

Durante uma excursão, vendo a estatua de Alexandre , o Grande, exclamou:

Com a minha idade elle já havia conquistado o mundo, e eu cousa alguma fiz de memoravel.

As maravilhas da arte não o interessavam Em Genova, o magnifico palacio dos Dorias, deixava-o indifferente ; só olhava o mar que o havia conduzido á Inglaterra.

Ao perfume embriagador dos laranjaes italianos preferiu as mattas roseas da Escossia, sobre as bordas encantadoras do Arno, e do Tibre, pensava no pittoresco valle da Chyde e de Tweed.

Quando um bateleiro debulhava uma sonora canção ao dourado crepusculo do campo romano, recordava-se dos cantos escossezes e das suas tristes elegias.

Conhecia todas as tradições de seu paiz, e desde os seus mais tenros annos Sheridan desvendou-lhe os seus annaes e lendas.

Conta-se a esse proposito que no dia do seu desembarque a Holyroad, um joven montanhez vestido com um casaco escossez de quadrados vermelhos e brancos, e trazendo a cabeça um bonnet de velludo preto guarnecido com pennas de grou, rompeu a multidão de fieis chefes da tribu escosseza e damas jacobinas que o rodeavam, dirigiu-se a elle com ar timido e respeitoso, trazendo em uma das mãos um vaso de forceta e na outra uma bandeija de porcellana.

Entre os assistentes só Carlos Eduardo não se admirou e poude explicar o proceder do camponio.

Jacques II, seu avô, pae da infortunada Maria Stuart gostava de passear sem acompanhamento, para poder misturar-se aos seus vassalos, sempre reconhecidos.

Um dia foi atacado por bohemios, que havia encontrado no caminho. Felizmente achava-se perto da ponte de Cramond, e abrigando-se por detraz de um arco conseguiu defender-se com a sua espada. Um camponez que cultivava o trigo num campo visinho ouvindo o barulho da luta, accorreu logo, pondo em fuga os aggressores.

Levou-o a sua casa, deu-lhe agua para limpar o sangue do rosto e o reconduziu até muito longe no caminho da Edimburg.

Em conversa Jacques perguntou ao seu defensor o seu nome e a sua profissão.

Chamo-me John Howcson, respondeu elle, sou um dos creados que cultivam a herdade Brachard, um dos dominios do rei.

— E estás satisfeito com tua sorte?

— Não desejas nada de melhor ?

— Não teria nada a invejar mesmo a Jacques V, se eu fosse o proprietario desta herdade, onde os meus braços têm traçado tantos campos e ligado tantos feixes de trigo.

Seu interlocutor sorriu.

— Sua ambição é modesta, e desejo que um dia ella se realize.

— Mas, perguntou o camponio por sua vez. Quem sois ?

Pertenço a casa do rei, e em reconhecimento ao serviço que me prestou, e, se é de seu agrado lhe offereço para domingo proximo uma visita ao castello.

O camponio acceitou com alegria.

No domingo seguinte, não faltou ao convite, e apresentou-se vestido com as suas melhores roupas.

Jacques preveniu seus officiaes, e estava simplesmente vestido, conduziu seu hospede de sala em sala, divertindo-se com a sua admiração por tudo quanto via. E de repente perguntou:

— Gostaria de ver o rei ?

Um lampejo passou pelos olhos do leal escossez.

— Oh ! sim !... Mas como o reconheceria, entre todos os senhores que me rodeiam ?

— Nada mais facil, meu amigo, elle seria o unico com a cabeça coberta.

E todos entraram para uma magnifica sala repleta de gentis-homens, todos de cabeça descoberta e com sumptuosos uniformes.

O pobre operario approximou-se timidamente de seu guia, e em voz baixa lhe perguntou, onde estava o rei.

— Não lhe disse que entre todos s elle teria a cabeça coberta !

— Então exclamou elle cahindo de joelhos, sois vós ?

Jacques levantou-o e riu.

Concedeu-lhe a herdade de Brachard á condição que cada vez que o rei por lá passasse, elle e os seus descendentes lhe apresentariam o vaso de prata e a bandeja de porcellana.

Em 1743, um mensageiro desceu mysteriosamente em casa do cavalleiro de São Jorge. Chegava de Paris, para annunciar que tudo estava prompto e que Luiz XV dava seu auxilio a Jacques III para a reconquista de seu throno.

O conselho da pequena côrte exilada reuniu-se immedatamentie. Carlos Eduardo foi designado para tentar a expedição em nome de seu pae.

O titulo de regente lhe foi conferido.

Exultou de alegria, seus sonhos de Gloria iam emfim realizar-se.

Sob o pretexto de caçar javalis, foi a Genova, e depois a Paris.

Paramos aqui nossa narrativa sobre a infancia de Carlos Eduardo, pois que as suas vãs tentativas para retomar a corôa da Inglaterra á casa de Hanovre, pertencem á Historia. Suas aventuras, suas desgraças, a fatalidade que desencadeou impiedosamente contra as suas armas, mais parecem romance.

O uque d'York, segundo filho do cavalleiro de São Jorge, era mais bello ainda que seu irmão, pois não tinha o aspecto severo e militar.

Por occasião do seu nascimento no palacio dos Santos Apostolos, seu pae immediatamente enviou a boa noticia ao papa Benedicto XIII:

— Apresento o duque d'York á vossa Santidade — exclamou Jacques — afim de que o faça um bom christão.

O pontifice o baptisou logo, e lhe deu doze nomes, com uma prodigalidade toda hespanhola: Henrique, Benedicto, Maria, Clemente, foram os principaes, e dos quaes o duque dYorv sempre se serviu Henrique em honra dos oito reis inglezes que assim se chamaram, Benedicto do papa seu padrinho, Maria da Virgem cuja intercessão attribuiam o seu nascimento, Clemente de sua mãe, Clementina Sobieska que lhe tinha dado o sangue generoso dos Sobieska, como a seu irmão, a grande audacia disfarçada sob uma grande doçura de expressão.

Era o favorito de seu pae, de quem era a melhor consolação. Quando Sobieska propoz ao seu genro de ser candidato ao throno da Polonia, Jacques III recusou por elle mesmo, e indicou o nome de seu segundo filho.

Elle era melhor dotado que seu irmão. As suas primeiras cartas são escriptas em bello estylo, e não se encontra como nas do principe de Galles, defeitos dessa especie nem erros de orthographia.

Desde a infancia mostrou-se excessivamente religioso, mas de caracter violento, altivo, impaciente, voluntarioso, não supportava contradicções, e tinha accessos terriveis de colera a que succediam dias de máo humor.

Assim quando seu pae partiu para Gaêta, pensando que devia acompanhal-o, ficou louco de alegria em pensar que ia combater.

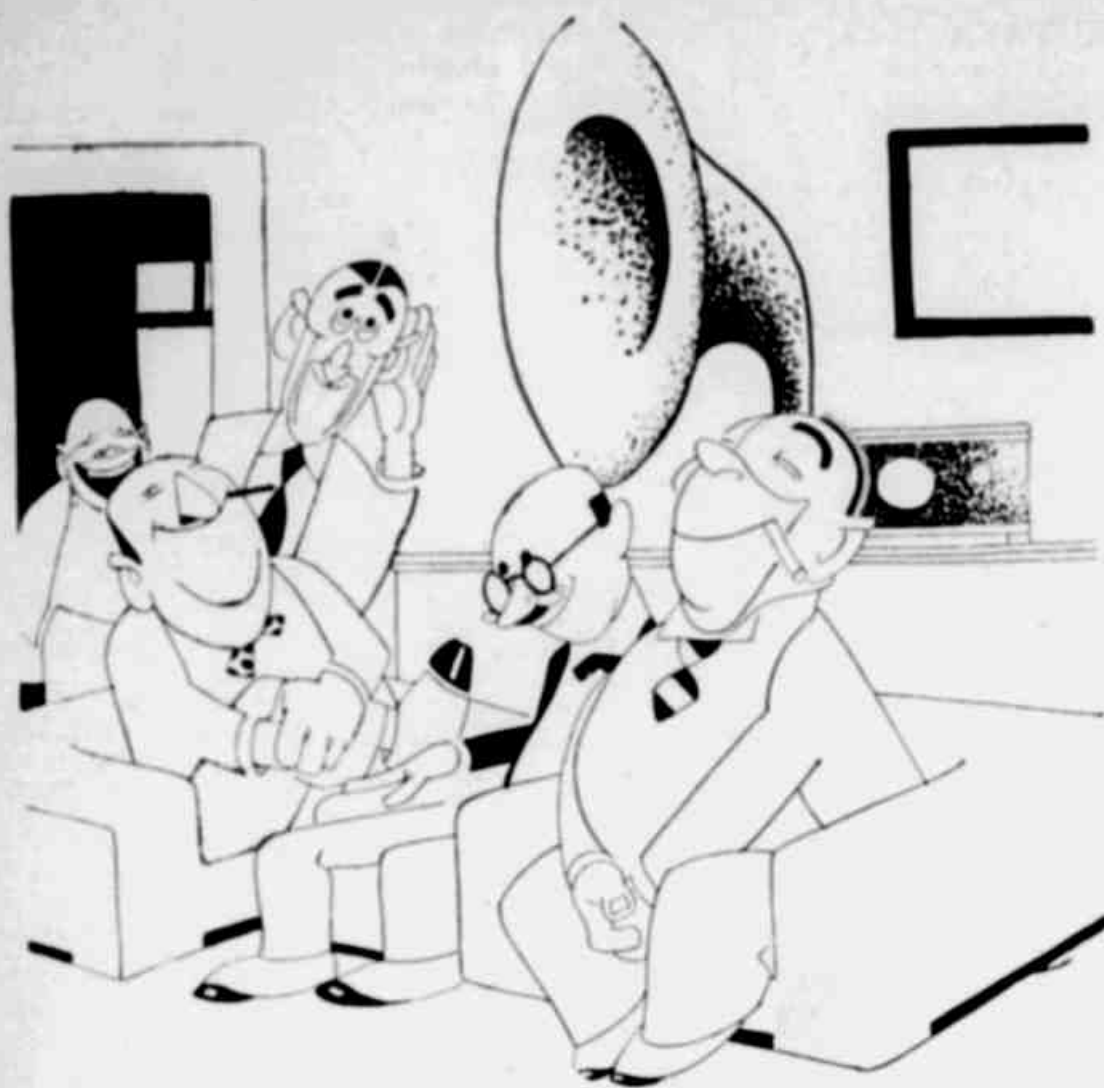
Mas quando a permissão lhe foi recusada, num repente de colera atirou a espada no chão.

Seu pae o puniu por esse gesto, mas estava tão orgulhoso do filho que escrevia: — que depositava tanta confiança nelle como em Carlos Eduardo — e o lord Inverness, que o filho seria tão apreciado quanto elle, quando fizesse a sua entrada no mundo.

Como já dissemos, o duque d'York era muito bom e é preciso accrescentar que era ainda extremamente seductor, muito amavel quando queria, e máo grado os esforços dos ministros inglezes que procuravam perturbar as relações dos irmãos, sempre se mostraram profundamente devotados ao primogenito de sua raça.

Mais tarde, havendo renunciado (por ter entrado para ordem) de fazer valer os seus direitos sobre a corôa da Inglaterra, que elle usou sob o nome de Henrique IV, como faz crêr uma medalha cunhada por occasião da morte de seu irmão, tornou-se cardeal d'York, depois de ter sido bispo de Asti, e de Velletri, bispo de Frascati, e arcebispo da basilica do Vaticano.

No fim de sua vida, recebeu uma pensão do rei Jorge como portador dos titulos de Maria d' Este, mulher de Jacques II pelo tratado de Ryswick, o Parlamento inglez havia reconhecido um dote de cincoenta mil liras.

Morreu em 1807 com a edade de 82 annos, e viveu o tempo sufficiente para ver os filhos dos soberanos que haviam abandonado sua familia tão desgraçados como o foram os seus antepassados.

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para resposta.

■

VIOLETA (Itabira) — Para o estudo graphologico devia ter escripto em papel sem pauta. Quanto ao horoscopo que pede aqui vae elle: "As pessoas nascidas a 2 de Abril são muito intelligentes e de grande actividade mental. Bondosas delicadas, têm, entretanto, genio irritavel. Com grande vocação para a musica poderão vir a ser grandes artistas. Coração nobre, caritativo, porém muito voluvel, esquecendo hoje a quem juraram hontem amor eterno... Ciumentas, vivem sempre pensando que são preferidas por outras".

AINIGRIV (Itabira) — Sua letra redonda revela bondade, indulgencia, doçura; como é vertical mostra energia, força de vontade, alguma reserva. Vê-se mais temperamento artistico, espirito fantasista, ordem, exactidão, lealdade. Economica e um pouco egoista; com certeza ciumenta...

O horoscopo das pessoas nascidas a 31 de Agosto é este: "Têm grande força de sympathia irradiante, attrahindo amizades e dedicações. São generosas e apaixonadas. Viverão longos annos. Embora habilidosas não gostam de trabalhos, deixando tudo para fazer "amanhã" e fazendo á ultima hora. Casarão duas vezes, sendo mais felizes no segundo do que no primeiro matrimonio".

GAND (São Paulo) — Suas linhas sinuosas indicam espirito maleavel, accommodaticio, falta de energia, vontade de firma; isso quer dizer tambem pouco amor á verdade, o que póde ser levado á conta da sua exaltada fantasia, vendo tudo augmentado e "fazendo de argueiro um cavalleiro". E', porém, bondosa, intelligente, com regular cultivo, um pouco reservada, impaciente, nervosa, mal acabando uma cousa e pensando já em outra. Tem espirito critico e satyrico, é coquette e vaidosa.

Quanto ao horoscopo das pessoas nascidas a 9 de Junho é este: "São amigas da fama, da notoriedade e do dinheiro. Têm talento e habilidade para dirigir grandes empresas, são de coração magnanimo e franco. Gostam de apontar, criticando, os defeitos dos outros, porém se zangam quando alguem critica os seus. Como chefes de familia são excellentes".

CARMEN — A GITANA (Rio) — Grato pelos cumprimentos de boas festas e votos de felicidade no anno novo, o que de coração retribuo. Sua graphia, como a de Ainigriv, é redonda e vertical denotando bondade, indulgencia, doçura, e, ao mesmo tempo, energia, reserva, força de vontade. Certas linhas ascendentes mostram enthusiasmo, alegria de viver, ambição, iniciativa; os traços finos denotam delicadeza, finura, susceptibilidade. Ha mais espirito fantasista, elegancia de attitudes, uma certa aggressividade algumas vezes e tambem um pouco de teimosia, orgulho, não querendo, absolutamente, ser supplantada. Predilecção pela bohemia, pelo mysterio é uma jovial e interessante amiguinha. Escreva, Carmen, que terei muito prazer em attendel-a sempre.

Juracy Coelho da Silva, filha do casal Coelho da Silva.

ROSE-BLANCHE (Rio) — Gratissimo pelo abraço e pelos votos de felicidade no novo anno que retribuo de todo o coração, embora de longe...

Encontro na sua letra muita identidade com a de Carmen, nem que fossem gemeas. Parece, entretanto que ella deve ter desabrochado um a dois annos antes de Rose Blanche, nem por isso ficando mais velha. Você, Rose, é tambem bondosa, meiga, reservada, porém, mais viva, mais... como direi ?... alegre, estouvadinha, mesmo, do que Carmen. Gosta das commodidade, do luxo, das grandes viagens, e o modo de botar os pontos nos ii e de fazer o til dão idéa de uma creaturinha que estando satisfeita com a sua consciencia, pouco lhe importa o que pódem dizer a seu respeito. E' tambem elegante, com alma de artista e voluntariosa, batendo o pézinho zangada quando quer as cousas, não é ?

O horoscopo que pede é este: "As pessoas nascidas a 9 de Fevereiro são dotadas de genio alegre, folgazão e sabem transmittir aos outros sua alegria. Apezar de habilidosos e de terem grande capacidade de trabalho, preferem o "dolce far niente"... E' tão doce não fazer cousa alguma !... Nem mesmo pensar !... Serão muito felizes no matrimonio, tendo numerosa prole. Como amigas são carinhosas, dedicadas, prestativas; porém, perigosas quando inimigas..." Que é isto, Rose Blanche ? Quer espetar seus espinhos nos seus inimigos ? Prefiro, então, ser seu amiguinho. Escreva a tal respeito.

SOSTHENES B. MAGALHÃES (Manáos) — Sua graphia movimentada é a de um cavalheiro activo, emprehendedor, com imaginação viva, alegre, agitado, palrador. Ha concatenação de idéas, actividade psychica, poder de assimilação, e o traço com que sublinha sua assignatura vê-se energia, personalidade bem marcada, embora com um pouco de pessimismo e ironia naquelle ponto final no seu nome de familia. No momento de escrever estava nervoso, preoccupado, sob a pressão de qualquer um presentimento. E' amigo da clareza e da ordem. Leal e franco. Um bello caracter, finalmente, tudo direito no fim, sem subterfugios nem meias medidas...

DELORME (São Paulo) — E' sómente o horoscopo dos nascidos em Agosto o que deseja ? Pois tenha a bondade de lêr o que digo antes á Ainigriv (Itabira).

NÊNÊ (São Paulo) — Sua letra grande e angulosa está classificada no grupo das chamadas letras de "Sion" ou do "Sacré Cœur" por serem, geralmente usadas pelas educandas e religiosas desses collegios. Revela imaginação viva, orgulho, fantasia, alguma aggressividade. Vê-se um pouco de indecisão, ás vezes, receio de melindrar quem quer que seja. Ha tambem generosidade, prodigalidade, mesmo, não dando o menor valor ao dinheiro. Caprichosa, com bastante força de vontade para realizar o que pretende. Autoritarismo, mesclado de alguma bondade para com os inferiores. Para o horoscopo dos nascidos em Agosto tenha a bondade de lêr o que digo antes á Ainigriv (Itabira).

GRAPHOLOGO.

Meias

CASA STEPHAN

Só as da CASA STEPHAN nos preços, qualidade e variedade. Só vendemos Meias perfeitas e garantidas. — Rua Uruguayana, 12.

Para o interior, os mesmos preços da capital.

Dentes como um fio de Perolas

Escovar os dentes com a pasta ODOL e empregar ao mesmo tempo o liquido ODOL é transformar a dentadura num fio de Perolas.

A pasta "Odol" torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).

O liquido "Odol" penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.

Odol

Pasta dentifricia Odol

Odol — Frasco grande

Dr. ADELMAR TAVARES

ADVOGADO

RUA DA QUITANDA, 59

2º ANDAR

Dr. Alexandrino Agra

CIRURGIÃO DENTISTA

Participa aos seus amigos e clientes que reabriu o seu consultorio.

RUA S. JOSE', 84 — 3º andar

Telephone 2 - 1838

E. CHARLES VAUTELET Agents
20, RUA do MERCADO, 20
RIO-DE-JANEIRO

A branca e delicada pelle queimada pelo sol

só pode remoçar, assim:

Applique com a ponta dos seus dedos o Creme Hinds, esfregando-o de leve. Em breve, o ardor desapparece, a sensação de bemestar augmenta e, por fim, a Sra. volta a sentir a sua pelle macia, fresca, juvenil.

Mas porque não evitar que o sol escureça e reséque a sua bella cutis? O remedio é simples e facil. Basta que antes de sair a Sra. se lembre de usar um pouco de Creme Hinds e pó de arroz.

Lembre-se sempre que evitar a queimadura do sol é melhor do que cural-a, porque não ha cousa alguma que envelheça tão depréssa a pelle. O Creme Hinds lhe dá allivio, evita as rugas e não deixa a cutis indicar a passagem dos annos. Em frascos de dois tamanhos. O maior é sempre o mais economico.

CREME HINDS

Officinas Graphicas d'O MALHO